

Maria e a Igreja, duas Mães ou uma só? Uma reflexão sobre a missão e a presença de Maria na Igreja

Summary

Mary and the Church are called “mother”. Both are mothers in the order of grace. In chapter VIII of Lumen Gentium, the Second Vatican Council emphasized the vital link existing between the virginal motherhood of Mary and that of the Church. The question is: How are Mary’s and the Church’s spiritual motherhood related to each other? Drawing from the teachings of Pope John Paul II, the author examines in the first part of this article the relationship between the work of Mary and that of the Church in the regeneration and growth of humanity in the life of Christ.

Since Mary’s motherhood is the foundation and model of the Church’s motherhood, her motherhood embraces and penetrates all dimensions of the Church’s maternal mission. Seen in their indissoluble unity as one and sole sacrament of salvation for humanity, the virginal motherhood of Mary and of the Church reflects the transcendental Fatherhood of God from whom all paternity in heaven and on earth takes his name (cf. Eph 3,15).

On the other hand, Mary’s and the Church’s motherhood are two distinct dimensions of spiritual motherhood that complement each other. In fact, “the Church fully reveals her motherhood both in the communication of divine grace entrusted to Peter and in the responsible acceptance of God’s gift, exemplified by Mary’ (Vita Consecrata, n. 34). The three ways of communicating God’s life to men through the threefold ministry of the hierarchy celebrating the sacraments (priest), proclaiming the Good News (prophet) and exercising authority (pastor) are supported and complemented by the threefold Marian ministry of prayer-intercession (virgin), of accepting the Word of God (spouse) and

of loving service (mother). These two different ways of participation in the Church's motherhood make visible the joint mission of the Son and the Holy Spirit of which the Church is a sacrament (cf. Cat., n. 737).

Although Mary is present in both the sacramental and personal dimensions of the Church's motherhood, the specific marks of her maternal presence and mission as Virgin, Spouse and Mother are most visible in the prophetic-charismatic dimension of the Church. In the second part of this article, the author considers therefore the concrete ways in which Mary makes herself present in the life of the Church. There are indeed various modes of Mary's active, exemplar and maternal presence as for instance her presence in places (Marian shrines), times (Marian feasts) and the history of souls. As Jesus makes himself visible as the Good Shepherd through his ministers, Mary continues her maternal presence on earth through those who dedicate themselves completely to the person and mission of her Son in consecrated life. The autor concludes that the vocation and service of consecrated persons, particularly women religious, are an original and specific way to make the maternal presence of the Blessed Virgin Mary visible in the Church and in the world.

* * *

Introdução

A Constituição dogmática *Lumen Gentium* é, sem dúvida, o documento mais significativo do Magistério da Igreja, não somente no que diz respeito ao mistério da Igreja, mas também em relação à Bem-Aventurada Virgem Maria. O Papa João Paulo II afirma:

O capítulo VIII da Constituição dogmática *Lumen gentium* é o documento mais completo e sistemático que o Magistério conciliar da Igreja dedicou à Mãe de Cristo. A sua “recepção” no corpo eclesial trouxe consigo um aprofundamento e um enriquecimento da doutrina sobre a Virgem, que constituem um dos frutos mais almejados da renovação teológica pós-conciliar.¹

¹ JOÃO PAULO II, Carta ao 11º Congresso internacional Mariano em Huelva, Espanha, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 4 de outubro de 1992, p. 3.

Pondo em relevo o lugar que Maria Santíssima ocupa no mistério de Cristo e da Igreja, “o Vaticano II fez uma grande *síntese entre a Mariologia e a Ecclesologia*”.² Isto enriqueceu a Ecclesologia e, ao mesmo tempo, permitiu à Mariologia conhecer, superando o momento de crise, uma nova e promissora florescência.³ No entanto, resta a tarefa de aprofundar, difundir e assimilar vitalmente o vínculo que existe entre a Igreja e a Virgem Maria. O Santo Padre insiste que é preciso, entre outras coisas, aprofundar as duas seguintes questões:

- as modalidades da interação entre a obra da Igreja e a obra da Virgem, ambas Mães na ordem da graça, porque ambas nos geram para a vida divina;
- a natureza da múltipla presença da Virgem na vida da Igreja.⁴

Propomos neste estudo uma humilde contribuição para o aprofundamento destas duas questões baseando-nos, sobretudo, no riquíssimo Magistério de João Paulo II. A primeira parte (nn. 1-3) tratará da relação existente entre a maternidade de Maria e da Igreja, que se manifesta nas dimensões Mariana e Petrina da Igreja. A segunda parte (nn. 4-5), procurará demonstrar como a vida consagrada é uma realização bem concreta da múltipla presença de Maria na vida da Igreja.

I. A missão da Igreja é a missão de Maria

“Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo ... No seu amor nos predestinou para sermos adotados como filhos seus por Jesus Cristo”... (*Ef* 1,3,5). Desde toda a eternidade, Deus quis estender a sua paternidade a toda a humanidade. Em Cristo, Filho único do Pai, somos chamados a nos tornar filhos de Deus (cf. *Rm* 8,29). É esta, justamente, a missão que o Filho agonizante confiou à Sua Mãe quando disse: “Eis aí o teu Filho” (*Jo* 19,26). Em João, Ele estendeu a maternidade de Maria a todos os seus irmãos, “isto é, entre os fiéis em cuja geração e formação ela

² JOÃO PAULO II, Discurso à Cúria Romana no dia 22 de dezembro de 1987, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 3 de janeiro de 1988, p. 4.

³ Cf. *Redemptoris Mater*, nn. 1. 38. 42. 48.

⁴ Cf. JOÃO PAULO II, Discurso aos professores e alunos do “Marianum” no dia 10 de dezembro de 1988, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 25 de dezembro de 1988, p. 4.

⁵ *Lumen Gentium*, n. 63.

coopera com amor de Mãe”.⁵ Antes de subir ao céu, Ele confiou esta mesma missão à Igreja, dizendo: “Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (*Mt* 28,19). Portanto, a missão maternal de Maria e a missão da Igreja são idênticas; ambas têm a missão de completar o Cristo total (*Christus totus*). O Santo Padre afirma:

Nasce de Maria o Cristo *Cabeça*, a que desde então está indissolivelmente unido à Igreja, Seu Corpo. Nasce o *Christus totus*... Precisamente porque é instrumento e canal privilegiado da Encarnação do Verbo na natureza humana e da Sua vinda entre nós, Maria “encontra-se também intimamente unida à Igreja” (*Lumen Gentium* 63)... Maria unida a Cristo, Maria unida à Igreja. E a Igreja unida a Maria encontra n’Ela a imagem mais excelsa e perfeita da própria missão específica que é, ao mesmo tempo, virginal e maternal.⁶

Conforme afirma o Papa João Paulo II, “na economia redentora da graça, atuada sob a ação do Espírito Santo, existe uma correspondência singular entre o momento da Encarnação do Verbo e o momento do nascimento da Igreja. E a pessoa que une estes dois momentos é Maria: *Maria em Nazaré e Maria no Cenáculo de Jerusalém*”.⁷ Realmente, o Evangelista Lucas deu crédito e ênfase a isto. Assim, do mesmo modo como a vida terrena do Filho começou pela ação do Espírito e com a cooperação de Maria, também a vida da Igreja começou pela ação do Espírito e com a presença orante de Maria.⁸ Uma primeira função da mãe é “dar a vida”. Como Ela foi o instrumento do Espírito Santo em doar vida humana ao Filho de Deus na Encarnação, em Pentecostes Ela atraiu o Espírito, Senhor e Doador de Vida, sobre a Igreja nascente. Em união com a Igreja, Ela continua sendo Seu instrumento em dar à luz para a vida divina os irmãos de Cristo “até que sejam conduzidos à Pátria feliz”.⁹ O Santo Padre vê, portanto, uma correspondência entre estes dois acontecimentos:

⁶ JOÃO PAULO II. Discurso aos Cardeais e à Cúria Romana em 8 de dezembro de 1987, em: *L’Oss. Rom.* (ed. port.) de 1 de janeiro de 1988, p. 6.

⁷ *Redemptoris Mater*, n. 24.

⁸ O Papa recorda: “Na narrativa dupla de Lucas, como a vinda do Filho de Deus ao mundo está intimamente relacionada com a pessoa de Maria, agora, o nascimento da Igreja também está ligado a Ela. A simples constatação de sua presença no cenáculo em Pentecostes é suficiente para demonstrar a grande importância atribuída por Lucas a este detalhe” (Audiência Geral de 28 de junho de 1989, em: *L’Oss. Rom.* (ed. port.) de 2 de julho de 1989, p. 12).

⁹ *Lumen Gentium*, n. 62.

Já no momento da Anunciação, Maria tinha experimentado a vinda do Espírito Santo. O Anjo Gabriel tinha dito: “O Espírito Santo virá sobre ti, e a força do Altíssimo estenderá sobre tí a Sua sombra. Por isso mesmo é que o Santo que vai nascer há-de chamar-se Filho de Deus”. (*Lc 1,35*). Mediante esta descida do Espírito Santo sobre Ela, Maria foi associada, de modo único e irrepetível, *ao mistério* de Cristo.¹⁰

Durante o Pentecostes, a Virgem Mãe se nos apresenta outra vez exercendo o seu papel em união com os Apóstolos, com a Igreja e dentro da Igreja. E mais uma vez Ela concebeu por obra do Espírito Santo, dando à luz a Jesus na plenitude do seu Corpo que é a Igreja, sem nunca O deixar, sem nunca O abandonar, mas continuando a amá-l’O e a alimentá-l’O através dos séculos.¹¹

Os dois acontecimentos são semelhantes, mas diferentes em seu alcance: Na Anunciação, Jesus de Nazaré (*Cristo, a Cabeça*) foi concebido, ao passo que, em Pentecostes, Cristo nasceu em Seu Corpo, a Igreja (*o Cristo “completo”*). Em Nazaré, Maria concebeu o Filho de Deus em seu ventre e só Ela tornou-se Mãe de Deus; no Cenáculo, entretanto, os que estavam reunidos com Maria em oração, compartilharam de seu carisma de maternidade universal, em benefício do *Cristo total*, de modo que desde então, eles também estariam ativamente envolvidos no nascimento do *Cristo total* e assim se tornariam participantes da maternidade da Igreja. Aliás, a partir de Pentecostes, Maria exerce seu papel materno “em união com os Apóstolos, com a Igreja e dentro da Igreja”.¹²

A sua maternidade “tem uma ‘nova’ continuação *na Igreja e mediante a Igreja*... a maternidade divina de Maria deve estender-se à Igreja, como indicam certas afirmações da Tradição, segundo as quais a maternidade de Maria para com a Igreja é o reflexo e o prolongamento da sua maternidade para com o Filho de Deus”.¹³ Consequentemente, podemos definir o relacionamento entre a maternidade de Maria e da Igreja, da seguinte forma:¹⁴

¹⁰ Audiência Geral de 28 de junho de 1989, em: *L’Oss. Rom.* (ed. port.) de 2 de julho de 1989, p. 12.

¹¹ JOÃO PAULO II, Às Religiosas em Washington no dia 7 de outubro de 1979, em: *L’Oss. Rom.* (ed. port.) de 11 de novembro de 1979, p. 10.

¹² Cf. *ibid.*

¹³ *Redemptoris Mater*, n. 24.

¹⁴ O relacionamento existente entre Maria e a Igreja não pode ser reduzido a uma única fórmula. O Fr. Domiciano Fernandez CMF, por exemplo, propõe o seguinte esquema para

- A maternidade de Maria é fundamento e modelo da maternidade da Igreja;
- A maternidade de Maria e da Igreja se complementam e se compenetraram;
- A maternidade de Maria personaliza a maternidade da Igreja.

1. A maternidade de Maria: Fundamento e modelo da maternidade da Igreja

Assim como o mistério de Cristo (Sua Encarnação e Redenção) é o fundamento do mistério da Igreja (Seu Corpo), a presença maternal de Maria e seu papel na vida de Cristo são o fundamento de sua função na Igreja. Em outras palavras: “A missão que Ela cumpriu com relação a Jesus, leva-a a termo em benefício do seu Corpo, que é a Igreja, e de cada um dos cristãos”.¹⁵ Segundo o Concílio Vaticano II, Pentecostes é o evento que nos faz entender a continuidade da maternidade de Maria e ao mesmo tempo, destaca suas características:

Foi vontade de Deus manifestar solenemente o sacramento da salvação humana, só depois de ter enviado o Espírito prometido por Cristo. Por isso, vemos os apóstolos, antes do dia de Pentecostes, “unânimes, perseverarem na oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus com os irmãos dele” (At 1,14), e vemos também Maria implorando com suas preces o dom do Espírito, que na Anunciação, já a tinha coberto com sua sombra.¹⁶

definir o relacionamento de Maria com a Igreja: 1. Maria, Mãe da Igreja (sua função transcendente); 2. Maria, Membro da Igreja (sua função intrínseca) e 3. Maria, Tipo e Modelo da Igreja (sua função exemplar) (cf. Domiciano FERNANDEZ CMF, *Maria en la História de la Salvación*, Madrid - PCI, 1999, p. 279). Por outro lado, René Laurentin, em seu estudo sobre Maria como protótipo e imagem da Igreja, em *Mysterium Salutis IV/2*, pp. 318-9, propõe a seguinte fórmula que enfatiza a continuidade da maternidade de Maria e da Igreja: a) Maria antecede a Igreja; b) A Igreja está em Maria; c) Maria está na Igreja; d) Maria é a Igreja. Preferimos sintetizar o relacionamento Maria-Igreja apenas sob três aspectos:

a) A maternidade de Maria é o fundamento e o modelo da maternidade da Igreja (Maria antecede a Igreja); b) A maternidade de Maria e da Igreja se complementam e se inter-relacionam mutuamente (Maria na Igreja e a Igreja em Maria); c) A maternidade de Maria personaliza a maternidade da Igreja, transmitindo-lhe uma fisionomia Mariana (Maria é a Igreja).

¹⁵ *Potissimum Institutionis*, n. 110.

¹⁶ *Lumen Gentium*, n. 59; JOÃO PAULO II comenta: “O Concílio Vaticano II exprime, com estas palavras o vínculo que existe, de modo orgânico, entre a descida do Espírito

Enquanto aguardava a vinda do Paráclito, Maria rezava implorando o dom do Espírito.

Era oportuno que a primeira efusão do Espírito sobre Ela, ocorrida em vista da maternidade divina, fosse renovada e fortalecida. Com efeito, ao pé da cruz, Maria tinha sido investida de uma nova maternidade, em relação aos discípulos de Jesus. Precisamente esta missão exigia um renovado dom do Espírito.¹⁷

A Bem-aventurada Virgem, portanto, pedia para que o Espírito a capacitasse a abraçar “todos e cada um na Igreja; e também todos e cada um mediante a Igreja”.¹⁸

Ao mesmo tempo, Maria estava ciênte de que toda a comunidade dos discípulos, particularmente os Apóstolos, compartilharia de sua maternidade espiritual para fazer Cristo nascer nas almas. O Santo Padre sublinha que é por esta razão que Maria implora para a Igreja:

Uma multiplicidade de dons, segundo a personalidade e a missão de cada um... como na Encarnação o Espírito havia formado no seu seio virginal o corpo físico de Cristo, de igual modo agora no Cenáculo o mesmo Espírito desce para animar o Seu Corpo Místico. [...] Respondendo à oração da Virgem e da comunidade reunida no Cenáculo no dia de Pentecostes, o Espírito Santo cumula da plenitude dos seus dons a Virgem e os presentes, operando neles uma profunda transformação em vista da difusão da Boa Nova. À Mãe de Cristo e aos discípulos são concedidos nova força e novo dinamismo apostólico para o crescimento da Igreja. Em particular, a efusão do Espírito conduz Maria a exercer a sua maternidade espiritual de modo singular, através da sua presença cheia de caridade e do seu testemunho de fé.¹⁹

Meditando sobre o evento de Pentecostes, podemos entender que Maria tinha levado ao Cenáculo a “nova maternidade”, que se tornara a sua “parte” aos pés da Cruz. “Esta maternidade deve permanecer n’Ela e, ao mesmo tempo d’Ela, como ‘modelo’, há de transferir-se para toda a Igreja”.²⁰ Assistida pelo amor maternal de Maria e seguindo o seu

Santo sobre a Virgem na Anunciação em Nazaré e a sua descida sobre os apóstolos, no dia do Pentecostes” (JOÃO PAULO II. Homilia de Pentecostes em 22 de maio de 1988 (em: *L’Oss. Rom.* (ed. port.) de 29 de maio de 1988, p. 2).

¹⁷ Audiência Geral em 28 de maio de 1997, em: *L’Oss. Rom.* (ed. port.) de 31 de maio de 1997, p. 12.

¹⁸ *Redemptoris Mater*, n. 47.

¹⁹ Audiência Geral em 28 de maio de 1997, em: *L’Oss. Rom.* (ed. port.) de 31 de maio de 1997, p. 12.

exemplo, a Igreja – desde o dia de Pentecostes - “pela pregação e pelo batismo gera, para uma vida nova e imortal, os filhos concebidos do Espírito Santo e nascidos de Deus”.²¹

Consequentemente, a Virgem Maria é a figura (a perfeita realização) e o modelo da Igreja. O Concílio Vaticano II expressou este relacionamento da seguinte forma:

Contemplando a santidade misteriosa de Maria, imitando a sua caridade, e cumprindo fielmente a vontade do Pai, [a Igreja] pela palavra de Deus fielmente recebida, torna-se também ela mãe...²²

Como explica o Santo Padre:

Se a Igreja olha para a Virgem como para a sua “figura”, fá-lo porque n’Ela, em primeiro lugar, foram realizadas pelo Espírito Santo, aquelas “maravilhas de Deus” que, desde o dia de Pentecostes se tornaram a parte da Igreja: da sua consciencialização e da sua missão mediante a fé.²³

E acrescenta: “Este olhar da Igreja sobre Maria, teve início no Cenáculo”.²⁴ Com efeito,

A Igreja nascida uma vez no cenáculo do Pentecostes continua a nascer em cada cenáculo de oração. *Nasce para se tornar nossa Mãe espiritual a semelhança da Mãe do Verbo Eterno.* Nasce para revelar as características e a força daquela maternidade – maternidade da Mãe de Deus – graças à qual podemos “ser chamados filhos de Deus e sê-lo realmente” (1 Jo 3,1).²⁵

²⁰ JOÃO PAULO II, *Carta a todas as Pessoas Consagradas*, em: *L’Oss. Rom.* (ed. port.) de 12 de junho de 1988, IV.

²¹ *Lumen Gentium*, n. 64.

²² *Ibid.*

²³ JOÃO PAULO II, Homilia de Pentecostes em 22 de maio de 1988, em: *L’Oss. Rom.* (ed. port.) de 29 de maio de 1988, p. 2.

²⁴ Audiência Geral, 28 de junho de 1989, em: *L’Oss. Rom.* (ed. port.) de 2 de julho de 1989, p. 6. O Papa JOÃO PAULO II disse que o Concílio definiu a maternidade de Maria como “eminente e singular” (*Lumen Gentium*, n. 63), “por constituir um modelo irrepetível: Maria, antes de exercer sua função materna pelos homens, é a Mãe do Unigênito Filho de Deus feito homem. A Igreja, porém, é mãe enquanto que gera espiritualmente a Cristo nos fiéis, e exerce sua maternidade em relação aos membros do Corpo Místico. Assim, a Virgem constitui para a Igreja um modelo superior justamente pela singularidade de sua prerrogativa como Mãe de Deus” (Audiência Geral, 13 de agosto de 1997, em: *L’Oss. Rom.* (ed. port.) de 16 de agosto de 1997, p. 8).

²⁵ JOÃO PAULO II, Homilia em Jasna Gora em 4 de junho de 1979, em: *L’Oss. Rom.* (ed. port.) de 17 de junho de 1979, p. 7.

2. A maternidade de Maria e da Igreja se complementam e se compenetraram

Embora pareça que Maria e a Igreja sejam duas Mães diferentes, ambas as maternidades podem ser entendidas enquanto duas dimensões complementares de uma mesma e única maternidade, primeiro dada a Maria e depois, estendida à Igreja “pelo poder do Espírito”. Esta maternidade é uma participação na paternidade transcendente de Deus (cf. *Ef* 3,15). “De fato, a paternidade santíssima de Deus, na sua economia salvífica, *serviu-se da virginal maternidade* da sua *humilde escrava*, para completar nos filhos do homem a obra do autor divino”.²⁶ Na Encarnação do Filho, “O Pai que tinha gerado o Filho na eternidade, gera-O também no tempo como homem. Aquele que nasce de Maria é já, em virtude da geração eterna, Filho de Deus”.²⁷ A sua concepção virginal no seio de Maria pelo poder do Espírito Santo é uma revelação da sua geração eterna no “seio do Pai” (cf. *Jo* 1,18).²⁸

A partir de Pentecostes, o Pai Celestial estende Sua paternidade a toda a humanidade. O Espírito Santo que com a Sua sombra cobriu Maria na Anunciação, cobre com Sua sombra a Igreja (Maria), tornando presente nela o poder gerador de Deus (“o poder do Altíssimo”). Assim como na Encarnação foram necessários tanto o “poder do Altíssimo” (cf. *Lc* 1,36), quanto o consentimento de Maria (*fiat*) para a geração do Filho de Deus na sua natureza humana, assim também na Igreja o poder de Deus atuante nos sacramentos precisa ser complementado pela oração unânime e perseverante da Igreja em união com Maria para a geração de novos filhos de Deus. Em conseqüência, na maternidade da Igreja, podemos ver um elemento humano e um divino, entrelaçados e mutuamente envolvidos. O Santo Padre recorda

... o vínculo que existe entre o nascimento da Igreja e a fé da Mãe de Deus. A Igreja ao contemplá-I'A à luz do Verbo feito homem, penetra mais profun-

²⁶ *Ibid.*

²⁷ Cf. Audiência Geral, 31 de julho de 1996, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 3 de agosto de 1996, p. 8.

²⁸ Cf. Paul EVDOKIMOV, *A Mulher e a Salvação do Mundo*, São Paulo - Edições Paulinas, 1986, 259: “A Virgem projeta luz sobre o mistério da Trindade... ‘Tu geraste o Filho sem pai, este Filho que nascera do Pai sem mãe’. Percebemos bem a estreita correspondência dos dois mistérios. À paternidade do Pai no divino corresponde a maternidade da Virgem no humano”.

damente, cheia de respeito, no insondável mistério da Encarnação, e mais e mais se conforma com o seu Esposo” (*Lumen Gentium*, 65). Poderia acrescentar-se: a Igreja ao mesmo tempo penetra, de maneira cada vez mais profunda, no seu próprio mistério, nesta realidade divino-humana que o Espírito Santo, o Divino Paráclito, por obra da Cruz e da ressurreição de Cristo, cria sempre de novo nos corações dos homens e, contemporaneamente, no mais íntimo da história do homem sobre a terra.²⁹

Sendo assim, a maternidade da Igreja pode ser percebida:

- Tanto *pelo poder gerador de Deus*, que se faz presente através do Espírito Santo na administração dos sacramentos, que nos comunicam a vida divina;
- Quanto, *pela fé, esperança e caridade de Maria* que, pelo mesmo Espírito, se faz presente e nos ajuda a ter as devidas disposições em acolher a vida divina, durante a nossa peregrinação de fé.³⁰

Portanto, a maternidade de Maria sustenta e incrementa o exercício concreto da maternidade da Igreja. Comparando a maternidade de Maria e da Igreja, o Santo Padre esclarece:

Ambas as mães, a *Igreja e Maria*, são essenciais para a vida cristã. Poder-se-ia dizer que a primeira exerce uma maternidade mais *objetiva* e a outra, mais *interior*:

A *Igreja* se torna mãe na pregação da Palavra de Deus, na administração dos sacramentos, e em particular no batismo, na celebração da Eucaristia e no perdão dos pecados.³¹

A *objetividade da maternidade da Igreja* consiste no fato de que nela estão presentes os meios de salvação, “os quais contêm em si a santidade de Cristo e do Espírito Santo”.³² Com efeito, os sacramentos atu-

²⁹ JOÃO PAULO II, Homilia em Pentecostes, 22 de maio de 1988, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 29 de maio de 1988, p. 2.

³⁰ De fato, o Santo Padre enfatiza *este elo existente entre o nascimento da Igreja e a fé da Mãe de Deus*: “A fé de Maria tornou-se para a Igreja como que a ‘estrela polar’ no caminho pelo qual ela avança, iniciando do cenáculo de Jerusalém, através das gerações e dos séculos... O Espírito Santo fez com que Ela estivesse, de modo particular, presente no mistério de Cristo e da Igreja. Na inteira peregrinação de fé do Povo de Deus, entre todas as nações da terra” (JOÃO PAULO II, Homilia em Pentecostes, 22 de maio de 1988, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 29 de maio de 1988, p. 2).

³¹ Audiência Geral de 13 de agosto de 1997, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 16 de agosto de 1997, p. 8.

am “*ex opere operato*”: uma vez que o sinal sacramental é validamente realizado, dá-se o sacramento. Isto significa que a sua eficácia depende inteiramente do poder de Deus, e não das disposições pessoais do ministro. Nisto podemos ver o elemento divino da maternidade da Igreja, representado particularmente pela eficácia objetiva dos sacramentos.

A *maternidade de Maria tem um caráter mais pessoal e, por isso, mais interior e subjetivo*: “Exprime-se em todos os setores de difusão da graça, de modo particular no quadro das relações pessoais”.³³ O papel de Maria na Igreja é preparar os corações de seus filhos para que recebam os sacramentos de modo fecundo, e permitam que a vida divina cresça através de sua cooperação pessoal. Sendo assim, a maternidade mais interior de Maria representa, de certa maneira, a contribuição humana necessária para receber a vida de Deus; ou seja, para se tornar uma mãe verdadeiramente fecunda, a Igreja tem que imitar a fé, a esperança e o amor de Maria, sua docilidade ao Espírito, sua entrega total a Deus e sua dedicação à Sua missão de salvação.³⁴ O Papa faz, portanto, a seguinte conclusão:

O relacionamento entre Maria e a Igreja é uma fascinante comparação entre duas mães. A missão maternal de Maria é claramente revelada e o compromisso da Igreja em sempre procurar sua verdadeira identidade, contemplando o rosto da *Theotókos*.³⁵

Maria é o protótipo da Igreja na sua maternidade virginal pela qual está unida à Igreja numa vocação e missão comuns. Ela está presente tanto na dimensão pessoal quanto sacramental da maternidade espiritual da Igreja, e coopera para gerar e aumentar a fé dos homens em Cristo.³⁶

³² Audiência Geral de 10 de julho de 1991, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 14 de julho de 1991, p. 12.

³³ Audiência Geral de 13 de agosto de 1997, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 16 de agosto de 1997, p. 8.

³⁴ Cf. *Lumen Gentium*, n. 64: “A Igreja, contemplando a santidade misteriosa de Maria, imitando a sua caridade, e cumprindo fielmente a vontade do Pai, pela palavra de Deus fielmente recebida, torna-se também ela mãe, pois pela pregação e pelo batismo gera, para uma vida nova e imortal, os filhos concebidos do Espírito Santo e nascidos de Deus.”

³⁵ Audiência geral de 6 de setembro de 1995, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 9 de setembro de 1995, p. 12; *Theotókos*, em grego, significa *Mãe de Deus*.

³⁶ Matthias Scheeben (*Dog.* V, n. 1891) afirma que “o mistério de Maria e o da Igreja se compenetraram e se iluminam mutuamente, numa espécie de pericórese, tanto que um tem necessidade do outro para ser situado e focalizado de maneira justa” (citado em AA. VV. *O Culto a Maria Hoje*, São Paulo - Edições Paulinas, 1979, 319).

“Tanto a Igreja quanto Maria estão a serviço da salvação: não uma ao lado da outra, mas numa relação recíproca”.³⁷ “A maternidade virginal, que Maria e a Igreja têm em comum, faz que eas sejam uma unidade indivisível e indissolúvel, como num único sacramento de salvação para todos os homens”.³⁸ “Trata-se de duas maternidades inseparáveis: com efeito, ambas fazem reconhecer o mesmo amor divino que deseja comunicar-se aos homens”.³⁹

Afirmando a unidade da maternidade de Maria e da Igreja, João Paulo II quis, ao mesmo tempo, destacar a índole particular da maternidade espiritual de Maria no mistério da Igreja. Por isso, o Papa enfatiza a sua dimensão pessoal, profundamente enraizada na característica fundamental da peregrinação de Maria na fé, esperança e caridade. Reconhecendo a presença e a intercessão de Maria, aprendendo com Ela como acreditar, esperar e amar Nosso Senhor Jesus Cristo e os irmãos, os fiéis se reconhecerão, acima de tudo, como filhos de Deus, membros da Igreja, qual família espiritual que tem Deus por Pai e Maria por Mãe.

3. A maternidade de Maria personaliza a maternidade da Igreja

João Paulo II declara que “a Igreja se encontra em Maria e Maria na Igreja e como Igreja”.⁴⁰ A maternidade de Maria é “a derradeira concretização pessoal do que se entende por ‘Igreja’: no momento em que Ela profere o seu ‘sim’, Maria é Israel em pessoa, Ela é a Igreja em pessoa e como uma pessoa”,⁴¹ explica o Cardeal Ratzinger. De fato, a Igreja é *antecipada* em Maria, ela é *personificada* em Maria e vice-versa. Maria não é um indivíduo isolado, fechado em si, *mas carrega dentro de si todo o mistério da Igreja*. O Santo Padre observa que “o Apocalipse convida a reconhecer de modo mais particular a *dimensão*

³⁷ JOÃO PAULO II, Carta ao presidente do comitê central para o Ano Mariano do 22 de maio de 1988, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 5 de junho de 1988, p. 2;

³⁸ Angelus de 8 de janeiro de 1984, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 15 de janeiro de 1984, p. 1.

³⁹ Audiência Geral de 13 de agosto de 1997, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 16 de agosto de 1997, p. 8.

⁴⁰ Audiência Geral em 4 de dezembro de 1991, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 8 de dezembro de 1991, p. 16.

⁴¹ Joseph Cardinal RATZINGER, *On the Position of Mariology and Marian Spirituality within the totality of Faith and Theology*, em: *The Church and Women: A Compendium*, San Francisco - Ignatius Press, 1988, 75. O Cardeal Ratzinger fala, pois, da maternidade de

eclesial da personalidade de Maria: a mulher revestida de sol representa a santidade da Igreja, que se realiza plenamente na Virgem Santa em virtude de uma especial graça”.⁴² Ele explica que, Maria,

... se considerada na plenitude do seu mistério e da sua missão, não exprime apenas a sua personalidade autônoma, no vértice e no início da Igreja, mas na dinâmica da história da salvação, *Ela está também tão intimamente unida com a Igreja, que se apresenta quase como uma encarnação e uma imagem viva da personalidade mística da Igreja mesma*, Esposa de Cristo, significando-lhe desde o primeiro instante de sua existência toda a riqueza de graça que a anima... Esta dimensão eclesiológica, proclamada pelo Concílio Vaticano II, é o novo itinerário que nos possibilita ler e entender em toda sua extensão e profundidade o mistério de Maria.⁴³

A Igreja aparece como uma pessoa, como uma mãe, por causa da dimensão eclesial da personalidade de Maria. De fato, através do poder do Espírito Santo Maria é, na Igreja e mediante a Igreja, tanto a Mãe de “seu Filho Primogênito” (*Lc 2,7*), quanto a Mãe dos seus discípulos: “Eis aí o teu filho” (*Jo 19,26*). Ela estende seu relacionamento materno, íntimo e pessoal com Jesus, seu Filho primogênito, para todos os filhos e filhas que lhe foram confiados por Jesus. Sua maternidade está presente na Igreja e “personaliza” a maternidade espiritual da Igreja. Na verdade, Maria ajuda

Maria e sua personificação na Igreja como “relacionadas uma com a outra como ‘factum e mysterium facti’, como o fato e seu significado.” Porque Ela é a Mãe de Cristo (*factum*), Ela também é a Mãe da Igreja, isso é, de Cristo, na “plenitude” do seu corpo (*mysterium facti*). Portanto, é a maternidade de Maria que expressa mais concretamente a interligação do mistério de Cristo e o da Igreja.

Diz o Papa: “No mistério da Igreja, que por sua vez é justamente chamada Mãe-Virgem, a bem-aventurada Virgem Maria dá, em primeiro lugar e de modo eminente, o exemplo da virgindade e mãe. Nesta estreita relação tipológica, a Maternidade de Maria recebe luz e significado da maternidade da Igreja, da qual é membro e figura, e a maternidade da Igreja recebe luz e tem início real da Maternidade de Maria, na qual se sente já perfeitamente realizada” (Angelus, 8 de janeiro de 1984, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 15 de janeiro de 1984, p. 1).

⁴² Audiência Geral de 29 de maio de 1996, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 1 de junho de 1996, p. 12. Em *Evangelium Vitae*, n. 103 (cf. *Ap 12,1-6*), João Paulo II diz o seguinte com relação ao grande sinal no céu: “Neste sinal, a Igreja reconhece uma imagem do próprio mistério: apesar de imersa na história, ela está consciente de a transcender, porquanto constitui na terra ‘o germe e o princípio’ do Reino de Deus. Tal mistério, a Igreja vê-o realizado, de modo pleno e exemplar, em Maria. É Ela a mulher gloriosa, na qual o desígnio de Deus se pôde actuar com a máxima perfeição.”

⁴³ JOÃO PAULO II, Alocução do Angelus, 11 de dezembro de 1983, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 18 de dezembro de 1983, p. 3.

a dar um rosto maternal para a Igreja e como se fosse uma pessoa humana concreta, mantém um relacionamento pessoal materno com todos. A Igreja, de sua parte, tende a dar mais importância à dimensão objetiva da sua maternidade, que consiste em sua estrutura hierárquica, nos sacramentos, no ministério organizado etc. O Santo Padre observa que: “À luz de Maria, a maternidade da Comunidade eclesial, que poderia parecer bastante geral, é chamada a manifestar-se de modo mais concreto e pessoal, em relação a cada homem redimido por Cristo”.⁴⁴ Então, como é que a presença maternal de Maria se expressa concretamente na vida da Igreja? João Paulo II a descreve da seguinte forma:

A experiência cotidiana de fé em cada época e em todos os lugares põe em evidência o fato de muitos precisarem confiar a Maria, as necessidades da vida quotidiana, abrindo confiantes seus corações para pedirem a sua intercessão materna e obterem sua alentadora proteção. As orações dirigidas à Maria pelos homens de todos os tempos, as numerosas formas e manifestações do culto Mariano, as peregrinações aos Santuários e aos lugares que recordam as maravilhas operadas por Deus Pai, mediante a Mãe de seu Filho, demonstram a extraordinária influência exercida por Maria na vida da Igreja. O amor do Povo de Deus pela Virgem sente a exigência de entretecer relações pessoais com a Mãe celeste.⁴⁵

Santo Agostinho disse:

Amemos a Deus nosso Senhor, amemos a Sua Igreja, Ele como a nosso Pai, Ela como a nossa Mãe; Ele, como o Senhor, Ela como a Sua Serva, pois somos filhos da própria Serva... Agarre-te, então, amado, tanto a Deus nosso Pai quanto à Igreja, nossa Mãe.⁴⁶

Deve-se notar que realmente não é possível amar a Igreja de maneira abstrata, como uma instituição, mas apenas de forma concreta e personalizada, como uma mãe. Sempre que, na história da Igreja, o relacionamento pessoal com Maria diminui, como aconteceu na Reforma protestante, a concepção da Igreja como uma Mãe foi obscurecida e, como consequência, o amor filial por Ela, perdido. A Igreja precisa de Maria, visto que Ela é a Mãe, que dá um rosto maternal à Igreja. Quão pungentes e apropriadas são as seguintes observações do Cardeal Ratzinger:

⁴⁴ Audiência Geral em 13 de agosto de 1997, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 16 de agosto de 1997, p. 8.

⁴⁵ *Ibid.*

⁴⁶ S. AGOSTINHO, *Comm. in Ps.* 88, 14: PL 37, 1140-1141.

A Igreja não é uma organização, nem uma instituição social em meio a tantas outras. É uma pessoa. É uma mulher. É uma Mãe. Está viva. Uma concepção Mariana da Igreja é totalmente oposta ao conceito da Igreja como uma burocracia ou uma mera organização. Nós não podemos fazer a Igreja, nós devemos ser a Igreja. Somos a Igreja, a Igreja está em nós, apenas na medida em que nossa fé, mais do que ações, forja a nossa existência. Apenas sendo Marianos podemos nos tornar a Igreja. Em seu princípio, a Igreja não foi feita, mas foi dada à luz. Existiu na alma de Maria desde o momento em que Ela proferiu o seu *fiat*.⁴⁷

II. A missão específica de Maria face a face com a missão apostólica (o “princípio Mariano” e o “princípio Petrino”)

Dirigindo um olhar contemplativo à primeira comunidade cristã como descrita nos Atos dos Apóstolos, percebemos que Lucas, após ter registrado, um por um, os nomes dos Apóstolos (*At* 1,13) afirma: “Todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração em companhia de algumas mulheres, entre as quais Maria, a Mãe de Jesus, e de seus irmãos” (*At* 1,14). Neste quadro sobressai a figura de Maria, a única que é recordada com o próprio nome, além dos Apóstolos: Ela representa um rosto da Igreja, diverso e complementar em relação ao rosto ministerial ou hierárquico.⁴⁸

Num discurso a bispos, o Santo Padre ampliou a relação entre a missão de Maria e a missão dos Apóstolos na vida da Igreja:

Como bem ressalta o ícone de Maria no cenáculo com Pedro e os outros Apóstolos, reunidos à espera do Espírito Santo (cf. *At* 1,12), a tarefa apostólica e a missão da Mãe de Deus estão intimamente unidas e são complementares. O ideal de santidade, para a qual tende a inteira missão da Igreja, de fato já está pré-formada e pré-figurada em Maria. A Igreja possui então, ao lado do “aspecto petrino”, um insubstituível “aspecto mariano”: o primeiro manifesta a missão apostólica e pastoral que lhe foi confiado por Cristo; o segundo exprime a sua santidade e sua total adesão ao plano divino da salvação.⁴⁹

⁴⁷ Cardeal Joseph RATZINGER, *The Ecclesiology of Vatican II*, em: *L'Oss. Rom.* (ed. ingl.) de 23 de janeiro de 2002, p. 7.

⁴⁸ Cf. Audiência Geral de 6 de setembro de 1995, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 9 de setembro de 1995, p. 12.

⁴⁹ Mensagem do Papa aos participantes no XXI encontro de espiritualidade para Bispos, amigos do movimento dos Focolarinos, 14 de fevereiro de 1998; em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 28 de fevereiro de 1998, p. 9.

Partindo da composição da primeira comunidade cristã, é evidente que a vida da Igreja desenvolve-se ao redor de duas dimensões distintas, mas complementares: a dimensão “apostólico-petrina” (hierárquico-institucional) e a dimensão “*Mariana*” (carismático-profética).

Como estes dois perfis da Igreja estão relacionados um ao outro? Da comparação entre a maternidade de Maria e da Igreja na seção precedente, podemos deduzir o seguinte:

- A maternidade de Maria como fundamento e modelo da maternidade da Igreja, evidencia que a *dimensão Mariana é a mais fundamental e característica da Igreja*, e é anterior a dimensão hierárquico-institucional.
- Visto que a maternidade de Maria e da Igreja se complementam e se compenetraram, *as dimensões da Igreja, Mariana e Petrina, estão profundamente unidas e são complementares.*

1. A dimensão Mariana acolhe e sustenta a dimensão Petrina

Num discurso aos Cardeais e à Cúria romana, o Papa João Paulo II falou sobre o relacionamento entre estas duas dimensões:

Este perfil mariano é tão – se não o é mais - fundamental e caracterizante para a Igreja quanto o perfil *apostólico e petrino*, ao qual está profundamente unido... A dimensão Mariana da Igreja antecede a Petrina, embora estando-lhe intimamente unida e sendo-lhe complementar. Maria, a imaculada, precede todos os outros, e obviamente, o próprio Pedro e os apóstolos... porque o seu tríplice múnus não tem outro objetivo senão formar a Igreja naquele ideal de santidade, que já é pré-formado e pré-figurado em Maria. Como muito bem disse um teólogo contemporâneo: “Maria é rainha dos apóstolos, sem pretender para si os poderes apostólicos. Ela tem outras coisas e mais” (H. U. VON BALTHASAR, *Neue Klarstellungen*, trad. ital., Milão 1980, p. 181).⁵⁰

Visto que a Igreja vive, acima de tudo, com este “perfil mariano”, a “dimensão Mariana” (anterior ao aspecto hierárquico-institucional) é obviamente a característica mais fundamental e marcante da Igreja. Aliás,

⁵⁰ JOÃO PAULO II, Alocução aos Cardeais e à Cúria Romana no dia 22 de dezembro de 1987, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 3 de janeiro de 1988, p. 4; no alemão (*Neue Klarstellungen*, Einsiedeln 1979) a citação que o Santo Padre faz do livro de Von Balthasar é o seguinte: “Maria ist ‘Königin der Apostel’, ohne apostolische Vollmachten für sich in Anspruch zu nehmen. Sie hat anderes und mehr” (p. 114).

a primeira célula da Igreja é o relacionamento Cristo-Maria, isto é, o encontro espousal da Igreja com Cristo. João Paulo II observa que:

Desde o instante em que a Virgem se torna Mãe do Verbo encarnado, a Igreja encontra-se constituída de maneira secreta, mas perfeita no seu germe: estão presentes, com efeito, o Redentor e a primeira dos remidos.⁵¹

A sua união a Cristo é o arquétipo da união da Igreja e de cada um dos cristãos ao Redentor.⁵²

Maria é, portanto,

a figura da Igreja, (*corpus Ecclesiae*), principalmente quando se trata da união com Cristo: e esta união é a fonte da “*communio ecclesialis*”... Por isso Maria está, com o seu Filho, na raiz desta comunhão.⁵³

O que Maria é pessoalmente, de forma plena, na sua singular união com Cristo e com a primeira comunidade dos Apóstolos, é o também a Igreja ao longo da peregrinação dos séculos, feita Corpo místico de Cristo em todas as latitudes.⁵⁴

A “graça da esposa”, ou seja, a graça da união íntima com Cristo, o Esposo, é - no mais alto grau - a graça da Virgem Maria. A graça da esposa, perfeitamente representada na Virgem Maria, está no coração da Igreja e molda toda a Igreja à imagem de Maria.⁵⁵ O Cardeal Journet observa:

A Bem-aventurada Virgem é um mistério de presença no próprio coração da Igreja, onde a Igreja vive. Maria não está apenas *diante* da Igreja, mas antes de tudo, está *dentro* da Igreja. Ela não é só um objeto onde a Igreja nutre sua fé e seu amor mas, antes, é uma força e um molde (modelo normativo) do qual procede a fé, o amor e a ação da Igreja. É por causa desta influência modeladora de Maria na Igreja que nós podemos dizer que toda a Igreja é Mariana.⁵⁶

⁵¹ JOÃO PAULO II, Homilia em Éfeso em 30 de novembro de 1979, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 9 de dezembro de 1979, p. 8.

⁵² JOÃO PAULO II, Alocução para as Academias Pontifícias em 7 de novembro de 1998, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 21 de novembro de 1998, p. 5.

⁵³ Audiência geral de 29 de janeiro de 1992, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 9 de fevereiro de 1992, p. 12.

⁵⁴ Angelus de 4 de setembro de 1988, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 12 de setembro de 1988, p. 16.

⁵⁵ Cf. Charles JOURNET, *L'Église du Verbe Incarné, Essai de théologie speculative*, II. *Sa structure Interne et son unité catholique*, Fribourg - Desclée de Brouwer, 1962, 431-433.

⁵⁶ “La Vierge est un *mystère de présence* à l'intérieur même de l'Église, don't vit l'Église. Elle n'est pas seulement *davant* l'Église, elle est d'abord *dans* l'Église. Elle n'est

E Von Balthasar complementa:

Aquele sim, o “sim” de Maria na Encarnação, não apenas antecede cronologicamente todos na Igreja e todas as coisas realizadas dentro da própria Igreja, mas torna-se como a sua forma interior..., *a forma que molda o interior da Igreja*. Uma forma que compreende todas as coisas, no sentido de acolher tudo. É irrepetível em sua perfeição, *mas normativa para toda a vida da Igreja*.⁵⁷

Portanto, o perfil mariano é o princípio mais fundamental e universal da Igreja, uma dimensão que abrange tudo. Consequentemente, por sua própria natureza, toda a Igreja é Mariana.

2. As dimensões Mariana e Petrina estão profundamente unidas e se complementam

A seguinte passagem da primeira carta aos Coríntios esclarece todo o plano de Deus, que continua na Igreja: “Aos olhos do Senhor, nem o homem existe sem a mulher, nem a mulher sem o homem. Pois, assim como a mulher [Eva] foi tirada do homem, assim também o homem [incluindo Cristo] nasce da mulher, mas ambos vêm de Deus” (*1 Cor 11,11-12*). De fato, tudo vem de Deus. Porque a Igreja vem do Deus Uno, ela é una. Entretanto, não se deve pensar a unidade da Igreja no sentido de um bloco monolítico; antes, é uma unidade orgânica onde há unidade na distinção e a comunhão é enriquecida pelas diferenças. Aliás, a Igreja é tanto Mariana quanto Petrina. Estas duas dimensões estão intimamente unidas e inseparavelmente ligadas uma a outra. Ambas “são como que *co-essenciais* à constituição da Igreja e concorrem, ainda que de modo diverso, para a sua vida, a sua renovação e a santificação do Povo de Deus”.⁵⁸ Ambas compõem a essência da Igreja. Sua interação está intimamente ligada à própria identidade da Igreja como uma “unidade de dois”, Cristo e sua Esposa. Portanto, temos na Igreja uma bi-unidade baseada nas missões contínuas de Maria e de Pedro. O Papa João Paulo II afirma que:

pas seulement un *objet* don't l'Église nourrit sa foi et son amour, elle est d'abord une vertu et une *forme modalisante* don't procede la foi, et l'amour, et l'action de l'Église. C'est d'abord en raison de cette forme modalisante que l'on peut dire que toute l'eglise est mariale.” (Charles JOURNET, *L'Église du Verbe Incarné*, p. 428).

⁵⁷ Marisa CERINI, *Marian Dimension*, em: *Charisms in Unity* vol. 7, n. 2 (1999), 2-3.

⁵⁸ JOÃO PAULO II, Alocução aos movimentos eclesiais no 30 de maio de 1998, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 6 de junho de 1998, p. 1.

Singularmente significativa se revela, sob este ponto de vista, a presença de Maria no cenáculo onde Ela assiste Pedro e os outros Apóstolos, rezando com eles e por eles na expectativa do Espírito. Este vínculo entre os dois perfis da Igreja, o mariano e o petrino, é, portanto, estreito, profundo e complementar. Embora o primeiro seja anterior tanto no desígnio de Deus, quanto no tempo, além de mais elevado e preeminente, mais rico de implicações pessoais e comunitárias para cada uma das vocações eclesiais.⁵⁹

A *communio ecclesialis* participa da Comunhão Trinitária das Pessoas Divinas, pois a Igreja é o povo de Deus “congregado na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”⁶⁰ (*Ecclesia de Trinitate*). No entanto, a comunhão Trinitária dos membros e das missões da Igreja gira em torno de Maria (cronológica e fundamentalmente a primeira) e de Pedro (escolhido como primeiro dos apóstolos e representante da linha apostólico-sacramental). Na Igreja todas as coisas estão dinamicamente articuladas em torno de Pedro e Maria.⁶¹ Pedro expressa o lado hierárquico, institucional e sacramental da Igreja, enquanto Maria está intimamente ligada à dimensão profética e carismática da Igreja. O Papa João Paulo II declara que realmente existe uma profunda

união dos dois princípios, com que Cristo quis dotar a sua Igreja: o princípio apostólico-petrino e o princípio mariano: princípios inseparáveis e complementares, através dos quais o Espírito edifica todos os dias a Comunidade dos crentes, e a leva a anunciar a Palavra de Deus com a intrepidez dos Apóstolos. Impele-a, sobretudo, a escutá-la com o coração de Maria.⁶²

A Igreja vive nestas duas dimensões fundamentais que se complementam e participam igualmente de seu crescimento em direção à plenitude de Cristo, no seu Corpo. As dimensões Mariana e Petrina contribuem mutuamente ao crescimento da Igreja:

- **em santidade:** para transformá-la cada vez mais em povo santo (*missão sacerdotal*);
- **em verdade:** para fazê-la crescer no conhecimento de Cristo (*missão profética*); e

⁵⁹ JOÃO PAULO II, Alocução aos Cardeais e à Cúria Romana no dia 22 de dezembro de 1987, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 3 de janeiro de 1988, p. 4.

⁶⁰ *Lumen Gentium*, n. 4, citando Santo IRENEU, *Adv. Haer.* III, 24,1: PG 7, 966 B.

⁶¹ Cf. *ibid.* p. 125.

⁶² Angelus (Regina Coeli) em Skodre (Albania) no dia 25 de abril de 1993, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 2 de maio de 1993, p. 3.

- **em comunhão:** para transformá-la numa família que reflete perfeitamente a comunhão Trinitária (*missão régia*).

a) O princípio Mariano e o princípio Petrino contribuem ao crescimento da Igreja em santidade (missão sacerdotal – *múnus de santificar*)

Desde o Pentecostes, o Espírito Santo sempre de novo cria a Igreja nos corações humanos e, ao mesmo tempo, na profundidade da história humana na terra. Concede-lhe dons hierárquicos e carismáticos de modo que possa executar sua missão, como “sacramento universal de salvação”.⁶³ Estes dons do Espírito são explicados pelo Concílio Vaticano II:

Além disso, o mesmo Espírito Santo não se limita a santificar e a dirigir o povo de Deus por meio dos sacramentos e dos ministérios... mas também, nos fiéis de todas as classes, “distribui individualmente e a cada um, conforme entende”, seus dons (*I Cor 12,11*) e graças especiais [*charismata*], que os tornam aptos e disponíveis para assumir os diversos cargos e ofícios úteis à renovação e maior incremento da Igreja, segundo aquelas palavras: “A cada qual se concede a manifestação do Espírito para utilidade comum” (*I Cor 12,7*).⁶⁴

Os Padres do Concílio atestam a verdade de que Deus, na sua infinita sabedoria, estabeleceu dois caminhos distintos para santificar a Igreja, que são como que duas direções diferentes onde sopra o mesmo Espírito. Há, por assim dizer, o Espírito que vem do alto e que age na hierarquia, isto é, no Papa, nos bispos, nos sacerdotes e, sobretudo nos sacramentos. Mas há, além dessa, outra direção complementar, de onde sopra o Espírito, isto é, Ele sopra da base ou das células do corpo que formam a Igreja, distribuindo os seus dons a cada um “como quer” (cf. *I Cor 12,11*). Com efeito,

o desenvolvimento da comunidade eclesial não depende unicamente da instituição dos ministérios e dos sacramentos, mas é promovido de igual modo por dons imprevisíveis e livres do Espírito que opera também para além de todos os canais estabelecidos.⁶⁵

⁶³ Cf. *Lumen Gentium*, n. 48 e 59; GS 45; AG 45.

⁶⁴ *Lumen Gentium*, n. 12.

⁶⁵ Audiência geral de 24 de junho de 1992, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 28 de junho de 1992, p. 12; Fr. Raniero Cantalamessa OFMCap. explica: “Os sacramentos são um dom feito a todos para a utilidade de cada um: o carisma é o dom feito a cada um para a utilidade de todos. Os sacramentos são dons dados ao conjunto da Igreja para santificar cada um dos membros; os carismas são dons dados aos membros, considerados

Ele manifesta-se, pois, na Igreja como *instituição e carisma*. Portanto, instituição e carisma, ministério e santidade estão inseparavelmente unidos na mesma origem e meta. Por esta razão, “pode-se dizer que não há oposição entre carisma e instituição, porque é o único Espírito que, com diversos carismas, anima a Igreja”.⁶⁶

Para esclarecer mais essa dúpla via da atividade santificadora do Espírito Santo, podemos distinguir santidade *objetiva* de santidade *subjetiva*:⁶⁷

- A “*santidade objetiva*” encontra-se nos sacramentos, na hierarquia, e em outros elementos eclesiais como, por exemplo, o direito canônico. É neste sentido que os termos: Sagrada Escritura, Santos Sacramentos, Santo Padre, transmitem o significado de santidade.⁶⁸ Está ligada à dimensão hierárquico-petrina da Igreja, visto que os meios ou instrumentos da santidade estão confiados ao ministério ordenado da Igreja. Estes constituem “canais estabelecidos e seguros” e portanto, objetivos de contato com Jesus Cristo, a fonte da santidade da Igreja, pois a comunicação deste dom divino não depende da santidade pessoal do ministro. “Esse dom de santidade *objetiva*, por assim dizer, é oferecido a cada batizado. Mas o dom por sua vez, gera um dever, que há de moldar toda a existência cristã: ‘Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação’ (1 Ts 4,3)”.⁶⁹
- A “*santidade subjetiva*” encontra-se na dimensão Mariana da Igreja. É o dom da santidade que se torna fecundo na vida dos membros da Igreja que, respondendo a ele, o acolhem. É o amor de Deus experimentado tanto nas missões eclesiais como na santidade cotidiana; é a santidade existencial, vivida. Este tipo de santidade pode ser chamado de *subjetiva*, porque a sua

individualmente, para santificar o conjunto da Igreja” (Raniero CANTALAMESSA, *Maria um espelho para a Igreja*, Aparecida-SP - Editora Santuário, 1992, 166).

⁶⁶ Audiência geral de 24 de junho de 1992, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 28 de junho de 1992, p. 12.

⁶⁷ Cf. Carlos GARCÍA ANDRADE CMF, *Maria, tipo da Igreja*, em: *Unidade e Carismas* (julho-setembro 2003), p. 15-21, sobretudo o parágrafo sobre “A dúplice santidade da Igreja”, p. 18.

⁶⁸ Cf. Brendan LEAHY, *The Marian Profile in the Ecclesiology of Hans Urs von Balthasar*, New York - New City Press, 2000, 127.

⁶⁹ *Novo Millennio Ineunte*, n. 30.

fecundidade e eficácia dependem da acolhida e da resposta por parte da pessoa que recebe o dom de Deus. Maria é o modelo de acolhida deste dom de Deus porque, correspondendo plenamente ao dom divino, tornou-se Ela a “cheia de graça” (cf. *Lc 1,28*). “É a primeira e mais alta realização de santidade na Igreja, por obra do Espírito Santo... Esta santidade eclesial... cuja plenitude é Cristo, do qual recebemos toda a graça (cf. *Jo 1,16*), é concedida a todos aqueles que... se abrem à ação do Espírito Santo.”⁷⁰ Juntamente com Maria, os Santos, os fundadores de movimentos e comunidades eclesiais, os religiosos, numa palavra, todos os portadores de graças especiais (carismas) “úteis à renovação e maior incremento da Igreja”,⁷¹ são os principais representantes do perfil Mariano.

O Papa vê atualmente um desabrochar da dimensão Mariana da Igreja como fruto da ação do Espírito Santo na renovação conciliar. Quais são os sinais disso? Ele enumera, entre outros, os seguintes:

- a redescoberta e a valorização dos carismas que o Espírito Santo distribui em abundância na Igreja;
- uma comunhão mais viva entre as várias vocações do povo de Deus;
- a promoção da vocação e da missão dos leigos;
- o reconhecimento sempre crescente da vocação da mulher à luz de Maria;
- o florescimento dos movimentos eclesiais;⁷²
- as novas e renovadas formas de vida consagrada.⁷³

Vejamos como o Santo Padre interpreta estes sinais na vida pós-conciliar da Igreja:

⁷⁰ Audiência geral de 12 de dezembro de 1990, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 16 de dezembro de 1990, p. 12.

⁷¹ *Lumen Gentium*, n. 12.

⁷² O Papa diz: “Como não ver... um nítido e providencial emergir deste ‘aspecto mariano’ da Igreja no florescimento de espiritualidade e de carismas eclesiais” (Ao Encontro Internacional de sacerdotes promovido pelo Movimento dos Focolares, 26 de maio de 1988, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 7 de agosto de 1988, p. 9).

⁷³ Cf. *Vita Consecrata*, n. 12; Audiência geral de 5 de outubro de 1994, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 8 de outubro de 1994, p. 12.

Nestes múltiplos sinais de esperança não podemos deixar de reconhecer a ação do Espírito de Deus. Mas, em plena dependência e comunhão com Ele, é-me grato divisar neles também o papel de Maria, “modelada pelo próprio Espírito Santo que d’Ela fez uma nova criatura” (*Lumen Gentium*, n. 56). Ela intercede maternalmente pela Igreja e impele-a pela via da santidade e da docilidade ao Paráclito. No alvorecer do novo milênio, divisamos com alegria o emergir daquele “perfil mariano” (cf. *Insegnamenti* X/3 (1987), pág. 1483), que compendia em si o conteúdo mais profundo da renovação conciliar.⁷⁴

Ainda nos resta uma pergunta: Como a dimensão Petrina e a dimensão Mariana estão relacionadas entre si no que diz respeito ao crescimento da Igreja em santidade? As estruturas sagradas da Igreja, isto é, o ministério sagrado e os sacramentos estão a serviço da santidade “existencial”. De fato, “é preciso que da santidade comunicada nos sacramentos se passe à santidade da vida cotidiana”.⁷⁵ A dimensão Petrina está, pois, a serviço da dimensão Mariana. Com efeito, o sacerdócio ministerial em seu ofício santificante “não tem outro objetivo senão formar a Igreja naquele ideal de santidade, que já é pré-formado e prefigurado em Maria”.⁷⁶ Por outro lado, a dimensão Mariana guia a Igreja no seu caminho em direção a uma santidade cada vez mais plena. A Santíssima Virgem Maria, junto com os Santos e as pessoas consagradas estão a serviço da santificação da vida de todo o fiel, leigo ou clérigo.

A respeito disso, é significativo o que disse o sínodo dos bispos em 1985:

Os santos e as santas sempre foram fonte e origem de renovação nas circunstâncias mais difíceis, ao longo de toda a história da Igreja. Hoje, *temos muita necessidade de santos*, graça esta que devemos implorar continua-

⁷⁴ Audiência geral de 25 de novembro de 1998, em: *L’Oss. Rom.* (ed. port.) de 28 de novembro de 1998, p. 20.

⁷⁵ *Vita Consecrata*, n. 33.

⁷⁶ Discurso de JOÃO PAULO II aos Cardeais e Prelados da Cúria Romana em 22 de dezembro de 1987, em: *L’Oss. Rom.* (ed. port.) de 3 de janeiro de 1988, p. 4; cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 773: “Na Igreja, esta comunhão dos homens com Deus pela ‘caridade que nunca passará’ (1Cor 13,8) é a finalidade que comanda tudo o que nela é meio sacramental ligado ao mundo presente que passa. ‘Sua estrutura se ordena integralmente à santidade dos membros do corpo místico de Cristo. E a santidade é medida segundo o ‘grande mistério’, em que a Esposa responde com o dom do amor ao dom do Esposo.’ *Maria nos precede a todos na santidade que é o mistério da Igreja como ‘a Esposa sem mancha nem ruga’.* Por isso, ‘a dimensão marial da Igreja antecede sua dimensão petrina.’”

mente a Deus. Os Institutos de vida consagrada, mediante a profissão dos conselhos evangélicos, devem estar conscientes da sua especial missão na Igreja de hoje, e nós devemos encorajá-los nessa sua missão.⁷⁷

Por conseguinte, sendo a profissão dos conselhos evangélicos um caminho privilegiado para a santidade,

um renovado empenho de santidade das pessoas consagradas é hoje mais necessário do que nunca para *favorecer e apoiar a tensão de todo cristão para a perfeição...* O fato de todos serem chamados a se tornarem santos, não pode senão estimular ainda mais aqueles que, pela própria opção de vida que fizeram, têm a missão de recordá-lo aos outros.⁷⁸

b) As dimensões Mariana e Petrina contribuem mutuamente para o crescimento da Igreja no pleno conhecimento de Cristo (missão profética – múnus de ensinar)

Antes de ascender aos céus, Jesus disse aos seus discípulos: “Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, ensinar-vos-á todas as coisas, e vos recordará tudo o que vos tenho dito” (Jo 14,26), e: “Muitas coisas ainda tenho a dizer-vos; mas não as podeis suportar agora. Quando vier o Paráclito, o Espírito da verdade, ensinar-vos-á toda a verdade” (Jo 16,12-13). O Espírito Santo está tanto a serviço do ofício pastoral do Magistério quanto do “sentido sobrenatural da fé”,⁷⁹ que está vivo em todo o povo de Deus. Então, como é que Ele guia a Igreja ao pleno conhecimento de Cristo? O Concílio Vaticano II nos diz que:

Cresce o conhecimento tanto das coisas como das palavras transmitidas, seja pela contemplação e estudo dos que crêem, os quais as meditam em seu coração (cf. Lc 2,19. 51), seja pela *íntima inteligência que experimentam das coisas espirituais*, seja pela *pregação daqueles que, com a sucessão do episcopado, receberam o carisma seguro da verdade*. A Igreja, pois, no decurso dos séculos, caminha continuamente para a plenitude da verdade divina, até que nela se realizem as palavras de Deus.⁸⁰

Para dar uma nova vitalidade à Igreja e fazê-la crescer em direção ao pleno conhecimento de Cristo, o Espírito Santo, em cada época da história,

⁷⁷ Sínodo dos Bispos - II Assembléia geral Extraordinária, Relação final de 7 de dezembro de 1985, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 22 de dezembro de 1985, p. 6.

⁷⁸ *Vita Consecrata*, n. 39.

⁷⁹ *Lumen Gentium*, n. 12.

⁸⁰ *Dei Verbum*, n. 8.

molda os fiéis cristãos à mente de Cristo através do ensino (*o carisma seguro da verdade*) da hierarquia e, ao mesmo tempo, derrama sobre eles seus dons proféticos (*a íntima compreensão das coisas espirituais*). Esta efusão do Espírito se manifesta particularmente no carisma dos fundadores, que dão nova vida e nova direção à Igreja. Com efeito, os grandes místicos, especialmente os fundadores de novas famílias religiosas ou movimentos eclesiais como, por exemplo, São Basílio, Santo Agostinho, São Bento, São Francisco, São João da Cruz, Santa Teresa de Ávila, Santo Inácio de Loyola e tantos outros são manifestações do perfil carismático-mariano da Igreja. O “sim” de Maria faz com que estejam abertos à ação do Espírito. Naquela abertura Mariana ao Espírito, eles iluminam algum ponto particular da vontade de Deus para a Igreja, manifestam uma nova conformação a Cristo e, assim, tornam-se uma explicação viva do Evangelho. Sua “infalibilidade” Mariana, isto é, a santidade de sua vida que irradia uma profunda vivência do conhecimento de Deus, sustenta a infalibilidade magisterial do ministério petrino.

De fato, a dimensão profético-mariana que envolve o conhecimento existencial das verdades da fé, pode esclarecer o ministério eclesial. Para penetrarmos nos mistérios da fé, diz o Santo Padre,

a par da pesquisa teológica pode-nos vir uma ajuda relevante também da quele grande patrimônio que é a “teologia vivida” dos Santos. Estes dão-nos preciosas indicações que nos permitem acolher mais facilmente a intuição da fé; e fazem-no mercê das luzes particulares que alguns deles receberam do Espírito Santo, ou mesmo da experiência que eles próprios tiveram...⁸¹

Como mostra a história da Igreja, existe certa “tensão” entre o princípio hierárquico e o carismático. No entanto, é uma tensão fecunda, pois visa restituir o mistério de Cristo à Igreja para que ela atinja a plenitude do Seu conhecimento (cf. *Ef 3,17-19*). A respeito do relacionamento entre instituição-ministério (Pedro) e carisma-profecia (Maria), podemos observar o seguinte:

- “O carisma da verdade” do Magistério e “a íntima inteligência das coisas espirituais” dos fiéis pertencem à “vida da fé” de toda a Igreja (Mariana-Petrina).⁸² Mas o ministério hierárquico tem que guardar a autenticidade do sentido “profético” da fé

⁸¹ *Novo Millennio Ineunte*, n. 27

⁸² Cf. *Ecclesia de Euchaistia*, n. 15

que vive nos fiéis, particularmente nos Santos; deve avaliá-lo e mantê-lo puro. O fato do Apóstolo João ter chegado primeiro ao túmulo, não ter entrado logo mas ter esperado até que Pedro chegasse (cf. *Jo* 20,3-8), é uma imagem da humilde submissão que os portadores do dom da profecia devem ter em relação à hierarquia, porque é aos que governam a Igreja que compete julgar e avaliar os carismas.⁸³

- Por outro lado, o ofício ministerial deve prestar atenção ao ofício “profético” de toda a Igreja e, quando necessário, deve aprender com ele, como o discípulo amado ao dizer a Pedro: “É o Senhor!” (*Jo* 21,7). “Resulta da história da Igreja e, particularmente, da vida dos Santos que não raro o Espírito Santo inspira palavras proféticas destinadas a promover o desenvolvimento ou a reforma da vida da comunidade cristã”.⁸⁴ Sobre tudo a vida consagrada é o portador do carisma profético para a contínua renovação da Igreja por ser “*uma forma especial de participação na função profética de Cristo, comunicada pelo Espírito a todo o povo de Deus*”.⁸⁵

c) As dimensões Petrina e Mariana a serviço da comunhão (missão régia – múnus de reger)

Em cada família humana, há a autoridade compartilhada dos pais sobre seus filhos. O pai é a cabeça da família, enquanto a mãe constitui o seu coração. A autoridade paterna é a que dirige (“dando diretrizes”), enquanto que a autoridade materna é caracterizada pelo coração (“amando e servindo”). Fazendo uma adaptação desta linguagem familiar, podemos falar do *ministério petrino* como a cabeça paternal da Igreja, enquanto *Maria* é o coração da Igreja, porque, “de fato, Mãe é coração”.⁸⁶

Na Igreja há uma autoridade compartilhada: a cabeça paterna é a hierarquia enquanto que o coração materno está, acima de tudo, na vida

⁸³ Cf. *Lumen Gentium*, n. 12.

⁸⁴ Audiência geral de 24 de junho de 1992, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 28 de junho de 1992, p. 12.

⁸⁵ *Vita Consecrata*, n. 84.

⁸⁶ Homilia em Pompeia, 21 de outubro de 1979, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 28 de outubro de 1979, p. 3.

consagrada. Ambos exercem autoridade na Igreja, ainda que de forma diferente, e dependem um do outro, pois é através deles que o Espírito Santo governa e dirige a Igreja. Sendo assim, vejamos como a autoridade paterna da hierarquia e a autoridade materna da Vida Consagrada se complementam:

- em relação à unidade da Igreja (“conservando-a”), e
- em relação a sua direção (“facilitando seu crescimento organizado”)?

1) A força unificadora da dimensão Mariana sustenta a missão unificadora do ministério Petrino

Tanto Pedro quanto Maria estão relacionados com a unidade da Igreja, cada qual a seu próprio modo, mas o fazem em reciprocidade. Se Pedro é o ponto externo da união da Igreja, a Igreja entendida como comunhão encontra seu ponto mais fundamental de unidade interna na pessoa de Maria, em seu próprio centro mariano pessoal.

A força universal e unificadora da dimensão Mariana que acolhe todos os carismas e missões eclesiais, sustenta a missão universal e unificadora do ministério petrino em governar toda a Igreja. Isto se manifesta, particularmente, na universalidade Mariana da vida consagrada:

Estando ao serviço da Igreja, *a vida consagrada está de modo mais especial à disposição das solitudes e dos programas do Papa*, chefe visível da Igreja universal. Aqui a dimensão eclesial da vida consagrada alcança um vértice que não é só de ordem canônica,⁸⁷ mas espiritual: nele se concretiza a profissão de obediência que os religiosos fazem à autoridade da Igreja, na função vicarial que lhe foi atribuída por Cristo.⁸⁸

A história da Igreja mostra o peculiar vínculo de comunhão, que os Institutos de Vida Consagrada têm com o Sucessor de Pedro em seu ministério de unidade e universalidade missionária. João Paulo II relembra aos Institutos de Vida Consagrada sobre o

⁸⁷ O Papa explica: “O Romano Pontífice, segundo o Concílio, tem em vista o bem dos Institutos religiosos e de cada um dos membros, ‘para que melhor se atenda às necessidades de todo o rebanho do Senhor’: no contexto desta finalidade entra a isenção, pela qual alguns Institutos estão sujeitos diretamente à autoridade pontifícia. Esta isenção não dispensa os religiosos do «respeito e obediência aos Bispos» (*Lumen Gentium*, n. 45). Ela tem unicamente o objetivo de assegurar a possibilidade de uma ação apostólica, melhor dedicada ao bem da Igreja inteira”(Audiência geral de 11 de janeiro de 1995, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 14 de janeiro de 1995, p. 8).

⁸⁸ *Ibid.*

*peculiar vínculo de comunhão... [que eles] têm com o Sucessor de Pedro em seu ministério de unidade e de universalidade missionária. A história da espiritualidade ilustra amplamente este vínculo, mostrando a sua função providencial de garantia tanto da identidade própria da vida consagrada como da expansão missionária do Evangelho... Sobressai assim o caráter de universalidade e comunhão, que é próprio dos Institutos de vida consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica. Pela conotação supra diocesana radicada na sua especial relação com o ministério petrino, eles estão também ao serviço da colaboração entre as diversas Igrejas particulares, entre as quais podem promover eficazmente a “permuta de dons”.*⁸⁹

2) A Hierarquia (Cabeça) e a Vida Consagrada (Coração) complementam-se mutuamente na direção da Igreja

Aqueles que formam o coração da Igreja - sua dimensão Mariana - estão “subordinados” aos portadores do ofício eclesiástico, que constitui a sua cabeça; mas, por outro lado, a hierarquia está “sujeita” à influência modeladora e vivificante do princípio Mariano. Von Balthasar comenta que, da mesma forma que os Santos e fundadores de comunidades precisam de humildade para serem avaliados pelas normas formais e julgamentos da Igreja, já que o Espírito é o Espírito da Igreja, do mesmo modo os que ocupam ofícios eclesiásticos precisam ter humildade para serem instruídos pelo Espírito de Cristo resplandecendo nas normas de santidade vividas no interior da Igreja.⁹⁰

Enquanto o Concílio enfatiza a autoridade vigilante e protetora da hierarquia sobre os vários Institutos de Vida Consagrada (cf. *Lumen Gentium*, n. 45), mais recentemente tem se enfatizado a influência carismática modeladora dos movimentos e comunidades consagradas na vida da Igreja. Devido a sua importância vital para o governo harmonioso da Igreja, o *Magisterium* emitiu um documento⁹¹ que explica o relacionamento que existe entre a *autoridade apostólica da hierarquia* e a *“autoridade carismática”* das comunidades consagradas. Avaliaremos mais detalhadamente este relacionamento na seção seguinte.

⁸⁹ *Vita Consecrata*, n. 47.

⁹⁰ Brendan LEAHY, *The Marian Principle in the Church*, em *gens*, vol. 9 n. 1 (2000), p. 26.

⁹¹ No dia 23 de abril de 1978, a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica publicou um documento intitulado *Mutuae Relationes* que dá diretrizes regulando as relações mútuas entre os bispos e os religiosos na Igreja: “Seria grave erro tornar independentes — mais grave ainda seria contrapô-las — a vida religiosa e as estruturas eclesiais, como se pudessem subsistir quais duas realidades distintas,

3. A interdependência dos princípios Petrino e Mariano (a Vida Consagrada em relação à hierarquia e vice-versa)

Vida Consagrada é uma expressão privilegiada do princípio Mariano, está “sob” a hierarquia e, por outro lado, os seus dirigentes estão “sob” a influência da Vida Consagrada. São, portanto, dois os pontos-chave que devem ser esclarecidos:

- A autoridade da hierarquia sobre a Vida Consagrada
- A influência carismática da Vida Consagrada na Igreja.

a) A Vida Consagrada está sob a autoridade da Igreja

Na sua origem e durante todo o tempo do seu desenvolvimento, os Institutos Religiosos dependem unicamente da hierarquia. A Igreja faz mais do que levar um Instituto à existência. Ela acompanha-o, guia-o, corrige-o e encoraja-o na sua fidelidade ao carisma do seu fundador. Ela entrega publicamente a um Instituto uma parte da sua missão, tanto no plano concreto quanto no plano do Corpo místico. Ela confere a cada Instituto, segundo a sua regra e as suas constituições aprovadas por ela, a autoridade religiosa necessária para assegurar uma vida de acordo com o voto de obediência. Enfim, não há Vida Consagrada que não esteja sob a autoridade da hierarquia.⁹²

Consequentemente, as pessoas consagradas precisam desenvolver uma atitude Mariana com respeito à autoridade de Cristo, a cabeça de seu Corpo, que é a Igreja. Enquanto Maria é modelo de perfeita docilidade e obediência, Ela pede que, da mesma forma, as pessoas consagradas sejam modelos do espírito eclesial (“*sentire cum ecclesia*”). Devem fazer tudo quanto Cristo lhes ordena por intermédio daqueles aos quais Ele deu autoridade na Igreja. João Paulo II nos relembra:

O primeiro testemunho seja de adesão filial e de fidelidade a toda a prova à Igreja, esposa de Cristo. Esta ligação com a Igreja deve manifestar-se no

carismática uma, institucional a outra; ao passo que ambos os elementos, isto é, os dons espirituais e as estruturas eclesiais, *formam uma só, ainda que complexa, realidade* (cf. *Lumen Gentium*, n. 8). Portanto os Religiosos e as Religiosas, enquanto demonstram peculiar capacidade de realização e visão do futuro (cf. parte I, cap. III), mantenham-se corajosamente fiéis à intenção e ao espírito do Instituto em plena obediência e adesão à autoridade da Hierarquia (cf. *Perfectae Caritatis*, n. 2; *Lumen Gentium*, n. 12)” (*Mutuae Relationes*, n. 34).

⁹² *Elementos Essenciais*, n. 42.

espírito do vosso Instituto e nos seus encargos de apostolado, porque a fidelidade a Cristo não pode nunca separar-se da fidelidade à Igreja... À imitação de Maria, Virgem de coração, sempre disponível à palavra de Deus, deveis encontrar a vossa serenidade interior, e a vossa alegria, na disponibilidade à palavra da Igreja e palavra d’Aquele que nomeou Cristo como seu Vigário na terra.⁹³

Visto que as pessoas consagradas têm um lugar especial na Igreja, sua atitude de obediência filial à Igreja é de suma importância para todo o povo de Deus. O Santo Padre lembra o proeminente exemplo dos fundadores e fundadoras nesse aspecto:

Nos fundadores e fundadoras, *aparece sempre vivo o sentido da Igreja*, que se manifesta na sua participação plena da vida eclesial em todas as suas dimensões e na pronta obediência aos Pastores, especialmente ao Romano Pontífice. Neste horizonte de amor pela Santa Igreja, “coluna e sustentáculo da verdade” (1 Tm 3,15), compreende-se bem a veneração de Francisco de Assis pelo “senhor Papa”, a ousadia filial de Catarina de Sena para com aquele que ela chama “doce Cristo na terra”, a obediência apostólica e o *sentire cum Ecclesia* de Inácio de Loyola, a jubilosa profissão de fé de Teresa de Jesus: “Sou filha da Igreja”. Compreende-se também o anseio de Teresa de Lisieux: “No coração da Igreja, minha mãe, eu serei o amor”. Tais testemunhos são representativos da plena comunhão eclesial, que santos e santas, fundadores e fundadoras compartilharam entre si, em épocas e circunstâncias diversas e frequentemente muito difíceis. São exemplos a que as pessoas consagradas devem constantemente fazer referência, para resistirem aos impulsos centrífugos e desagregadores, hoje particularmente ativos.⁹⁴

As pessoas consagradas precisam aprender a ter, acima de tudo, este espírito eclesial, por meio de uma atitude humilde e dócil em relação àqueles que, em nome da Igreja, possuem autoridade nas próprias comunidades. Devem ter consciência de que “a autoridade e a obediência resplandecem como um sinal daquela única paternidade que vem de Deus”⁹⁵ que é especialmente compartilhada por aqueles que, apesar de suas limitações humanas, representam Deus. Os Religiosos precisam servir de exemplo ao povo de Deus de que aqueles que obedecem a Igreja têm a garantia de estarem seguindo a Cristo e sendo guiados pelo Seu Espírito.

⁹³ Às superiores em Roma, no dia 14 de novembro de 1979, em: *L’Oss. Rom.* (ed. port.) de 25 de novembro de 1979, p. 9.

⁹⁴ *Vita Consecrata*, n. 46.

⁹⁵ *Vita Consecrata*, n. 92.

b) A Hierarquia está sob a influência carismática da Vida Consagrada

O ofício dos pastores da Igreja é o de “cuidar especialmente de não extinguir o Espírito, mas tudo ponderar, e reter o que é bom”,⁹⁶ de modo que todos os carismas, diversos e complementares, trabalhem juntos para a “utilidade comum” (*1 Cor 12,7*). Segundo o Papa “podem-se indicar alguns critérios de discernimento, seguidos geralmente quer pela autoridade eclesiástica, quer pelos mestres e diretores espirituais:

- Acordo com a fé da Igreja em Jesus Cristo (cf. *1 Cor 12,3*); o dom do Espírito não pode ser contrário à fé que o mesmo Espírito inspira a toda a Igreja...
- A presença do ‘fruto do Espírito: caridade, alegria, paz’ (*Gl 5,22*). Todo o dom do Espírito favorece o progresso do amor, quer na própria pessoa, quer na comunidade e, por conseguinte, produz alegria e paz. (...)
- A harmonia com a autoridade da Igreja e a aceitação das suas medidas. (...)
- O uso dos Carismas na Comunidade é submetido a uma regra simples: ‘que tudo isto se faça de modo a edificar’ (*1 Cor 14,26*), ou seja, os carismas devem ser acolhidos na medida em que dão um contributo construtivo para a vida da Comunidade, vida de união com Deus e de Comunhão fraterna”.⁹⁷

É uma “tática” do Espírito Santo conceder carismas extraordinários normalmente aos pequenos e fracos, aos fiéis leigos e particularmente às mulheres. João Paulo II enfatiza que:

Como é verdade que a Igreja na sua hierarquia, é dirigida pelos sucessores dos Apóstolos, e portanto por homens, é ainda mais verdadeiro que, no sentido carismático, as mulheres conduzem-na como os homens e talvez ainda mais. Convido-vos a pensardes frequentemente em Maria, Mãe de Cristo.⁹⁸

⁹⁶ *Lumen Gentium*, n. 12; cf. 30; 1 Ts 5,2; 19-21.

⁹⁷ Audiência geral de 24 de junho de 1992, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 28 de junho de 1992), p. 12.

⁹⁸ JOÃO PAULO II, Encontro com jovens no Parc des Princes em Paris no dia 1 de junho de 1980, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 15 de junho de 1980, p. 10.

Por via de regra, no início dos grandes movimentos de grande importância na história da Igreja, os membros da hierarquia não fizeram parte deles. Foram apenas pessoas leigas consagradas a Deus ou, às vezes, sacerdotes que desempenharam um papel proeminente em sua origem e desenvolvimento. Movidos pelo Espírito fundaram um movimento que, na maioria das vezes, se concretizou e continuou numa comunidade religiosa. Os vários carismas de fundação da vida consagrada têm propiciado novas experiências, orientações e formas de seguir a Cristo que merecem ser apreciadas pela hierarquia. Von Balthasar declara energicamente:

Pedro e todos os demais ministros oficiais precisam sempre escutar o Espírito agindo e criando na Igreja Mariana e obedecer a Ele quando fala através dos santos e dos portadores de carismas verdadeiros.⁹⁹

As palavras de Jesus “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos” (Lc 10,21) significam a orientação da hierarquia para aceitar, com gratidão, a luz de Deus comunicada à sua Igreja pelas pessoas “carismáticas”.

O Santo Padre salienta a importância da dimensão Mariana para o ministério Petrino, enfatizando para a hierarquia a necessidade de manter o espírito Mariano vivo em seu ministério:

A Igreja, como Maria, vive na graça, na submissão ao Espírito Santo; à sua luz interpreta os sinais e as necessidades dos tempos, e avança no caminho da fé em plena docilidade à voz do Espírito... Nesta luz vive e deve viver a Cúria Romana, devemos viver todos nós. Decerto a Cúria encontra-se diretamente ligada ao perfil petrino a cujo serviço é chamada por natureza, constituição e missão... Nesta atividade, o que lhe é mais necessário e indispensável é conservar e avaliar a dimensão Mariana do seu serviço a Pedro. Maria precede também todos nós da Cúria, que servimos o Mistério do Verbo Encarnado, como precede a Igreja inteira pela qual vivemos. Ajude-nos Ela a descobrir cada vez melhor e a viver cada vez mais autenticamente esta riqueza que para nós, diria, é vital, decisiva; ajude-nos a inserirmo-nos conscientemente nesta simbiose entre a dimensão Mariana e a dimensão apostólico-petrina da qual a Igreja haure quotidianamente, orientação e sustento. A atenção a Maria e aos seus exemplos traga um acréscimo de amor, de ternura, de docilidade à voz do Espírito, para que se enriqueça interiormente a dedicação de cada um ao serviço do ministério de Pedro.¹⁰⁰

⁹⁹ VON BALTHASAR, *Das Katholische in der Kirche*, p. 17, citado em Brendan LEAHY, *The*

Em resumo, a hierarquia tem a missão específica de dirigir toda a Igreja com ordem e disciplina, instruí-la com a autoridade de Jesus e santificá-la, através de seu ministério sacramental, ao passo que o Espírito revela o vigor e a beleza do amor de Deus em todos os momentos da história aos seus amigos escolhidos convidando-os a responderem plenamente ao seu convite, a exemplo do “*fiat*” sponsal de Maria. Recapitulando, sobre o relacionamento entre as vocações Petrina e Mariana, podemos dizer que: “Estas duas vocações distintas dentro da Igreja contribuem essencialmente para sua estrutura e vida; uma, dirigindo através da autoridade divina e sujeita à inspiração, a outra, inspirando por sua santidade e modo de vida e sujeita à direção”.¹⁰¹

4. A dimensão Trinitária dos princípios Petrino e Mariano

O mistério da Igreja está radicado em Deus-Trindade e, por isso, tem como dimensão primária e fundamental a dimensão trinitária enquanto, desde a sua origem até à sua conclusão histórica e ao destino eterno, a Igreja tem consistência e vida na Trindade.¹⁰²

Portanto, a existência da Igreja em suas dimensões Petrina e Mariana está relacionada com a Santíssima Trindade. Tal relacionamento com as Pessoas Divinas é explicado a seguir:

a) A maternidade espiritual da Hierarquia e das pessoas consagradas refletem a paternidade de Deus

Maria tornou-se a Mãe do Filho Unigênito do Pai, porque o Pai fez com que a Virgem Maria - pelo Espírito Santo - participasse de sua paternidade. “A Ela é concedida uma semelhança muito especial entre a sua maternidade e a paternidade divina”.¹⁰³ “De fato, a paternidade santíssima

Marian Profile in the Ecclesiology of Hans Urs von Balthasar, New York - New City Press, 2000, p. 140.

¹⁰⁰ JOÃO PAULO II, Alocução aos Cardeais e à Cúria Romana em 22 de dezembro de 1987, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 3 de janeiro de 1988, p. 4.

¹⁰¹ Cf. Basil COLE OP and Paul CONNER OP, *Christian Totality. Theology of the Consecrated Life*, New York - Alba House, 1997, 47.

¹⁰² Cf. Audiência Geral de 9 de outubro de 1991, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 13 de outubro de 1991, p. 12.

¹⁰³ Audiência geral de 10 de janeiro de 1996, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 13 de janeiro de 1996), p. 8.

de Deus, na sua economia salvífica, *serviu-se da virginal maternidade da sua humilde escrava*, para completar nos filhos do homem a obra do autor divino”.¹⁰⁴

João Paulo II enfatiza que “maternidade”, vista na dimensão do Reino de Deus, [é] a “*irradiação da paternidade do próprio Deus*”¹⁰⁵ A Igreja é nossa Mãe a exemplo de Maria, porque Deus desejou primeiro ser nosso Pai, comunicando à Igreja, através do Espírito Santo, sua paternidade “*maternal*”. Com efeito, a Maternidade de Maria e da Igreja são a manifestação do Rosto “Materno” de Deus, que se revela na Escritura tanto como Pai, quanto como Mãe (cf. Is 49,15; 66,13).¹⁰⁶ É “uma maternidade misteriosa na qual Deus Pai se revela como tal à humanidade”.¹⁰⁷ O Santo Padre nos diz que:

A presença da Mãe na vida da graça é fonte de conforto e de alegria. No rosto materno de Maria os cristãos reconhecem uma particularíssima expressão do amor misericordioso de Deus, que, com a mediação de uma presença materna, faz compreender melhor a própria solicitude e bondade de Pai.¹⁰⁸ Portanto, “o amor da Mãe de Jesus, manifestado a cada um de nós, traz-nos o sinal da benevolência e da ternura do Pai”.¹⁰⁹

Visto que as dimensões Petrina e Mariana são a realização concreta da maternidade da Igreja, elas refletem a paternidade de Deus. São Paulo em sua carta aos Efésios declara: “Dobro os joelhos diante do Pai, do

¹⁰⁴ Homilia em Jasna Gora em 4 de junho de 1979, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 17 de junho de 1979), p. 7.

¹⁰⁵ *Redemptoris Mater*, n. 20.

¹⁰⁶ O Catecismo da Igreja Católica diz no número 239: “Ao designar a Deus com o nome de ‘Pai’, a linguagem da fé indica principalmente dois aspectos: que Deus é origem primeira de tudo e autoridade transcendente, e que ao mesmo tempo é *bondade e solicitude de amor para todos os seus filhos*. Esta ternura paterna de Deus pode também ser expressa pela *imagem da maternidade, que indica mais a imanência de Deus, a intimidade entre Deus e sua criatura...* Convém então lembrar que Deus transcende a distinção humana dos sexos. Ele não é nem homem nem mulher, é Deus. Transcende também a paternidade e a maternidade humanas, embora seja a sua origem e a medida: ninguém é pai como Deus o é.”

¹⁰⁷ Carta ao Presidente do Comitê central para o Ano Mariano, de 22 de maio de 1988, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 5 de junho de 1988, p. 2.

¹⁰⁸ Audiência geral de 11 de maio de 1983, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 15 de maio de 1983), p. 12.

¹⁰⁹ Audiência geral de 18 de maio de 1983, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 22 de maio de 1983), p. 12.

Qual toda a paternidade, nos céus e na terra, toma o seu nome” (*Ef* 3,15).¹¹⁰ O Santo Padre interpreta esta passagem da Sagrada Escritura da seguinte forma:

Todo “gerar” na dimensão das criaturas encontra o seu primeiro modelo no gerar que em Deus é de modo completamente divino, isto é, espiritual. A este modelo absoluto, não-criado, é assimilado todo “gerar” no mundo criado. Por isso, tudo quanto no gerar humano é próprio do homem, como também tudo quanto é próprio da mulher, isto é, a “paternidade” e a “maternidade” humanas, trazem em si a semelhança, ou seja, a analogia com o “gerar” divino e com a “paternidade” que em Deus é “totalmente diversa”: completamente espiritual e divina por essência. Na ordem humana, ao invés, o gerar é próprio da “unidade dos dois”: um e outro são “genitores”, tanto o homem como a mulher.¹¹¹

O Papa afirma que, apesar de sua semelhança, o “gerar” do ser humano (*paternidade*) é “totalmente diverso” do “gerar” divino. Deus Pai gera virginalmente o Filho, ou seja, Ele, por si só, é o Princípio de geração, enquanto que, na ordem da criação, são sempre necessários dois princípios. Isto sublinha o fato de que a criatura não pode criar-se a si própria, mas está totalmente sujeita, em sua existência e agir, ao poder de Deus. Homem e mulher juntos como uma “unidade dos dois” geram filhos e filhas. Ambos são genitores, ambos cooperam com o poder gerador de Deus, ainda que de forma diversa. O papel do homem é mais ativo, refletindo o poder gerador de Deus, porque dá a semente sem a qual não pode haver fecundidade na mulher.

O *papel da mulher*, por sua vez, é *mais receptivo* refletindo tanto o coração amoroso do Pai (*sinus Patris*) onde o Filho reside eternamente (cf. *Jo* 1,18), quanto *a condição da criatura perante Deus*, que recebe tudo de Deus e é chamada a cooperar com seu dom divino para torná-lo fecundo. Assim, a paternidade e a maternidade humana, enquanto se complementam, refletem a paternidade transcendente de Deus.

¹¹⁰No grego há um jogo de palavras entre “pai” (*pater*) e “família” (*patria*). De fato, o termo “paternidade” pode exprimir tanto “paternidade-maternidade” quanto “família”. Quando Jesus disse aos seus discípulos para não chamar a ninguém de pai sobre a terra, Ele quis enfatizar que há um só Pai no sentido pleno, Aquele que está nos céus (cf. *Mt* 23,9). Com efeito, Deus Pai faz participar de seu poder gerador-criador tanto os pais no plano natural (paternidade biológica = “paternidade na terra”) quanto no sobrenatural (paternidade ou maternidade espirituais = “paternidade nos céus”).

¹¹¹*Mulieris Dignitatem*, n. 8.

No que diz respeito a *paternidade (maternidade)* espiritual dos ministros ordenados e das pessoas consagradas, à semelhança do papel gerador do homem e da mulher, compartilham da paternidade transcendente de Deus e a expressam de forma diversa, mas complementar:

- o ministério petrino a que está confiada a comunicação da ação divina,¹¹² reflete a paternidade de Deus de modo mais ativo, isto é, do modo masculino, já que o Pai é a fonte da vida divina transmitida pelo ministério ordenado nos sacramentos;
- a Vida Consagrada, cuja missão é o “acolhimento responsável do dom divino”,¹¹³ reflete a paternidade de Deus de modo mais receptivo, ou seja, do modo como uma mulher reflete sua paternidade. Assim como Maria se tornou a Mãe do Filho de Deus sendo receptiva ao “poder do Altíssimo” (*Lc 1,35*), assim também a Vida Consagrada, por meio de sua receptividade ao poder de Deus comunicado através dos sacramentos, faz com que a vida divina se torne fecunda nas almas e desta maneira torna-se - como Maria - *uma mãe espiritual*.

O Santo Padre explica a participação complementar do ministério ordenado e da vida consagrada na maternidade da Igreja, na qual a paternidade de Deus atua desta maneira:

Na figura de Pedro e demais apóstolos, ressalta, sobretudo a *dimensão da fecundidade* operada pelo ministério eclesial, que se faz instrumento do Espírito *para a geração de novos filhos* através da proclamação da Palavra, da celebração dos Sacramentos e pela solicitude pastoral. Já em Maria, é particularmente viva a dimensão do *acolhimento esposal* com que a Igreja faz *frutificar em si mesma a vida divina, através da totalidade do seu amor virginal*.¹¹⁴

b) A Hierarquia reflete a missão contínua do Filho, ao passo que a Vida Consagrada torna visível a missão do Espírito Santo

Para realizar Seu plano de estender Sua paternidade para toda a humanidade, o Pai enviou Seu Filho e o Espírito Santo ao mundo. É em Maria que tem início, historicamente, a missão do Filho no Espírito Santo:

¹¹² Cf. *Vita Consecrata*, n. 34.

¹¹³ *Ibid.*

E o Verbo se fez carne (cf. Jo 1,14). *Começa a missão do Filho no Espírito Santo...* Ela [Maria], na sua humana e virginal substância é coberta com o poder do Altíssimo. Graças a este poder e por obra do Espírito Santo Ela torna-se Mãe do Filho de Deus, embora permanecendo Virgem. *A missão do Filho começa nela sob o seu coração. A missão do Espírito Santo, que “procede do Pai e do Filho” chega primeiro a Ela, à alma que é sua Esposa, a mais pura e a mais sensível.*¹¹⁵

Esta missão do Filho e do Espírito Santo que teve seu início histórico na terra no coração da Virgem, precisamente em Nazaré, desde o Pentecostes se estende a toda a Igreja permanecendo continuamente nela. Diz o Catecismo da Igreja católica: “*A missão de Cristo e do Espírito Santo realiza-se na Igreja, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo. Esta missão conjunta associa a partir de agora os fiéis de Cristo à sua comunhão com o Pai no Espírito Santo...* Assim, *a missão da Igreja não é acrescentada à de Cristo e do Espírito Santo, senão que é o Sacramento dela*”.¹¹⁶ O que significa dizer que a Igreja é o sacramento da missão do Filho e do Espírito Santo? *Trazendo em si a missão invisível do Filho e do Espírito Santo* ela é, ao mesmo tempo, *o sinal visível e instrumento dela*. Então, como estas duas missões do Filho e do Espírito se manifestam na Igreja?

Elas estão particularmente visíveis nas duas missões fundamentais de Pedro e Maria.¹¹⁷ Manifestam-se no caráter sacramental da constituição divina da Igreja que é uma “sociedade dotada de órgãos hierárquicos”, que dão visibilidade a Cristo, Cabeça da Igreja, e, ao mesmo tempo, é uma “comunidade espiritual” animada pelo Espírito Santo, a alma ou o coração da Igreja.¹¹⁸

- É sobretudo a *dimensão hierarquico-institucional* (Pedro) que torna *visível a missão do Filho*: Foi aos ministros ordenados que Cristo confiou a *continuação da sua ação salvífica*

¹¹⁴ *Ibid.*

¹¹⁵ JOÃO PAULO II, Homilia em Pompeia em 21 de outubro de 1979, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 28 de outubro de 1979, p. 1.

¹¹⁶ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 737; cf. AG 2.

¹¹⁷ Cf. Joaquin FERRER ARELLANO, *La Doble Misión conjunta del Verbo y del Espíritu Santo en la historia de la salvación, como “incarnatio in fieri.” Consecuencias eclesiológicas y mariológicas*, em: *EphMar* 48 (1998), 456-478.

¹¹⁸ Cf. *Lumen Gentium*, n. 8; *Catecismo da Igreja Católica*, n. 771.

(*actio Christi*), dizendo: “Fazei isto em memória de mim!” (Lc 22,19). A missão principal deles é, pois, o agir “*in persona Christi*”, ou seja, administrar os sacramentos, proclamar o Evangelho e guiar o rebanho. Assim, a missão apostólica espelha a missão visível do Filho, marcada por sua brevidade e suas ações salvíficas concretas e visíveis.

- A *dimensão carismático-profética* (Maria), que está como que condensada na vida consagrada, torna *visível a missão oculta, mas universal do Espírito Santo*, de renovar a Igreja à imagem de Cristo. No que diz respeito à vida consagrada, já as palavras com que Jesus “instituiu” esta forma de vida - o convite: “*Segue-me*” que significa “*Imita-me*”¹¹⁹ - indicam que a missão dos Religiosos não está tanto na ação, mas antes na *vida no Espírito de Cristo*. Eles são chamados a perpetuar na Igreja a *forma da vida de Cristo (Christi vivendi forma)*.¹²⁰ A vida consagrada, marcada pelo escondimento (cf. Col 3,3) e pelo permanecer no amor (cf. Jo 21,20-23), reflete, pois, a missão do Espírito, que, agindo ocultamente na Igreja, permanece continuamente nela, como Jesus prometeu aos seus discípulos: “Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, para que permaneça eternamente convosco” (Jo 14,16).

A missão do Espírito Santo na Igreja é aquela de *revelar Cristo* e de *completar a sua obra redentora*, fazendo com que a vida divina adquirida pelo seu sacrifício se torne fecunda nos corações. Do mesmo modo, a missão da Vida Consagrada é aquela de *revelar Cristo* através de uma vida evangélica e de *cooperar com o sacerdócio ministerial* para que o

¹¹⁹ O Papa explica: “Jesus, chamando homens e mulheres a abandonarem tudo para O seguir, *inaugurou um estado de vida que se desenvolverá pouco a pouco na Igreja, nas várias formas de vida consagrada*, concretizada na vida religiosa, ou também, – para os escolhidos por Deus – no sacerdócio. Desde os tempos evangélicos até hoje tem continuidade a agir a *vontade fundadora de Cristo, que se exprime naquele belíssimo e santíssimo convite dirigido a tantas almas: ‘Segue-Me’*” (Audiência geral de 12 de outubro de 1994, em: *L’Oss. Rom.* (ed. port.) de 15 de outubro de 1994, p. 20.

¹²⁰ “O fundamento evangélico da vida consagrada há-de ser procurado naquela relação especial que Jesus, durante a sua existência terrena, estabeleceu com alguns dos seus discípulos, convidando-os não só a acolherem o Reino de Deus na sua vida, mas também a colocarem a própria existência ao serviço desta causa, deixando tudo e imitando mais de perto a sua *forma de vida*” (*Vita Consecrata*, n. 14).

dom da vida divina comunicado nos sacramentos se torne fecundo nas almas. O Santo Padre afirma que pela Vida Consagrada “a Terceira Pessoa da Trindade *quase torna visível a ação que realiza em toda a Igreja*”.¹²¹

O recente documento sobre *o renovado compromisso da vida consagrada no terceiro milênio* destaca o íntimo relacionamento que existe entre o Espírito Santo e a Vida Consagrada:

*Existe um laço particular de vida e dinamismo entre o Espírito Santo e a Vida Consagrada, por isso as pessoas consagradas devem perseverar na docilidade ao Espírito criador. Ele obra segundo o querer do Pai para o louvor da graça que foi concedida aos consagrados no Filho bem-amado... O futuro da vida consagrada se confia ao dinamismo do Espírito, autor e dispensador dos carismas eclesiais, postos por Ele a serviço da plenitude do conhecimento e da realização do Evangelho de Jesus Cristo.*¹²²

III. A missão de Maria permanece na missão da Vida Consagrada

O Santo Padre observa que “a Igreja manifesta plenamente a sua maternidade, quer mediante a comunicação da ação divina confiada a Pedro, quer através do acolhimento responsável do dom divino, típico de Maria”.¹²³ Embora tanto a dimensão carismática quanto a hierárquica sirvam à maternidade de Maria e da Igreja, não obstante, as características pessoais específicas da missão maternal de Maria resplendem particularmente no perfil carismático-profético da Igreja, do qual a vida consagrada é o mais eminente representante. Enquanto a hierarquia é uma extensão da missão apostólica que Pedro e os demais apóstolos receberam de Cristo, é a vida consagrada que perpetua na Igreja mais claramente a *missão maternal de Maria e torna visível a ação que o Espírito Santo realiza em toda a Igreja*. O Papa destaca a missão Mariana dos Religiosos da seguinte forma:

Vós caríssimos Sacerdotes e Religiosos, sois chamados a sustentar a civilização do amor e da vida, a ser a alma do fermento cristão, os guias nos ho-

¹²¹ Audiência geral de 27 de fevereiro de 1991, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 3 de março de 1991, p. 12.

¹²² CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E..., *Partir de Cristo*, n. 10.

¹²³ *Vita Consecrata*, n. 34.

rizontes da fé... Na Igreja, caríssimas Irmãs, *vós encarnais a função de Maria Santíssima*. Tendes um papel insubstituível, especialmente nos âmbitos típicos, correspondentes aos vossos carismas e à vossa sensibilidade.¹²⁴

Podemos observar um elo profundo entre a missão de Maria, a missão do Espírito Santo e aquela da vida Consagrada. Esta seção tratará, pois, das seguintes questões:

- a missão específica de Maria na comunidade primitiva, que Ela continua na Igreja de todos os tempos;
- a missão de Maria como epifania da missão do Espírito; e
- a missão da vida consagrada como uma continuação na história da “missão do Espírito” de Maria

1. A missão específica de Maria na Igreja (seu papel na primeira Comunidade Cristã)

A primeira comunidade cristã reunida no Cenáculo constitui o prelúdio da Igreja. A presença e o papel da Bem-aventurada Virgem nesta comunidade ajudam a esboçar as características definitivas de sua presença materna e de seu papel na Igreja. Qual era o papel de Maria no Cenáculo?

- Ela orou com e pela comunidade dos discípulos;
 - testemunhou a Cristo com seu exemplo; e
 - promoveu concórdia e amor entre os discípulos.
- **Ministério de oração de Maria**

Maria *orou com e pela comunidade*, ajudando-a a dispor-se bem para a vinda do “Paráclito”. “Na comunidade cristã a oração de Maria [portanto] reveste um significado peculiar: Favorece o advento do Espírito, implorando sua ação nos corações dos discípulos e no mundo”.¹²⁵ Ao mesmo tempo,

Maria exerce, por fim, a sua maternidade para com a comunidade dos crentes não só orando a fim de obter para a Igreja os dons do Espírito Santo, necessários para sua formação e o seu futuro, mas educando, além disso,

¹²⁴ Discurso aos Religiosos e Leigos em Florença, 18 de outubro de 1986, em: *L’Oss. Rom.* (ed. port.) de 26 de outubro de 1986, p. 6.

¹²⁵ Audiência Geral em 28 de maio de 1997, em: *L’Oss. Rom.* (ed. port.) de 31 de maio de 1997, p. 12.

os discípulos do Senhor para a constante comunhão com Deus. Ela torna-se deste modo educadora do povo cristão para a oração, para o encontro com Deus.¹²⁶

• **Ministério de Maria, de testemunhar a Cristo**

Lucas qualifica explicitamente Maria como “a Mãe de Jesus” (At 1,14), como que a querer sugerir que algo da presença do Filho, que subiu ao céu, permanece na presença da mãe. Ela recorda aos discípulos o rosto de Jesus.¹²⁷

Por sua fidelidade a Jesus e pela obediência a sua palavra, assim como por sua fé forte, esperança inabalável e caridade materna, Maria torna-se a *primeira testemunha* da contínua presença do Filho na Igreja. Lucas ressalta também “que Maria se encontrava no Cenáculo ‘com os irmãos’ [de Jesus] (At 1,14), isto é, com os seus parentes”. Isto indica que a família natural de Jesus, que antes era contrária a sua missão messiânica, veio a fazer parte da família espiritual de Cristo graças ao *testemunho constante e à orientação infatigável de Maria*.

• **Ministério de Maria, de promover concórdia e unidade**

Desde o início Maria exerce o seu papel de “Mãe da Igreja:” a *sua ação favorece o entendimento entre os Apóstolos*, que Lucas apresenta ‘unidos’ e muito distantes das disputas que, por vezes, tinham surgido entre eles.¹²⁸

“Observando a situação da primeira comunidade cristã, descobrimos que a *unanimidade dos corações*, manifestada à espera do Pentecostes, *está associada à presença da Virgem Santa* (cf. At 1,14)”.¹²⁹ O papel de Maria na Igreja, portanto, é de, “com seu amor de Mãe, cuidar dos irmãos de seu Filho”¹³⁰ *promovendo concórdia e amor entre eles*. O Santo Padre confirma que “graças precisamente a caridade irradiante de Maria, é possível conservar em todos os tempos no interior da Igreja a concórdia e o amor fraterno”.¹³¹

¹²⁶ Audiência Geral, de 6 de setembro de 1995, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 9 de setembro de 1995, p. 12.

¹²⁷ *Ibid.*, p. 19.

¹²⁸ *Ibid.*

¹²⁹ Audiência geral de 3 de setembro de 1997, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 6 de setembro de 1997, p. 12.

¹³⁰ *Lumen Gentium*, n. 62.

¹³¹ Audiência geral de 3 de setembro de 1997, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 6 de setembro de 1997, p. 12.

Em resumo, Maria possui uma missão tríplice na Igreja:

- O ministério de *oração*, intercedendo por nós e nos encorajando a orar;
- O ministério de *testemunhar* (de revelar Cristo), inspirando-nos com o seu exemplo e guiando-nos, para que, através de uma vida semelhante a de Cristo nos tornemos testemunhas da Sua presença salvífica;
- O ministério da *presença materna ativa*, (promover concórdia e amor entre os irmãos de Cristo), inspirando-nos a servirmos uns aos outros com caridade e humildade, particularmente aos mais necessitados.

O Concílio Vaticano II também faz referência aos três caminhos pelos quais Maria exerce sua missão materna na Igreja:

- “pela sua *múltipla intercessão* [Maria] continua a obter-nos os dons da salvação eterna”.¹³²
- “como membro supereminente e absolutamente singular da Igreja”,¹³³ Maria é a perfeita realização e *figura da Igreja* “na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo”.¹³⁴
- “Com seu amor de Mãe, cuida dos irmãos de seu Filho, que ainda peregrinam e se debatem entre perigos e angústias, até que sejam conduzidos à Pátria feliz”.¹³⁵

2. A missão de Maria torna visível a missão do Espírito Santo

O Concílio Vaticano II descreve o relacionamento existente entre Maria e o Espírito Santo com a expressão: “Maria, templo (*sacrarium*) do Espírito Santo, querendo evidenciar o ligame de presença, de amor e de colaboração que existe entre a Virgem e o Espírito Santo”.¹³⁶ Portanto, para

¹³² *Lumen Gentium*, n. 62.

¹³³ *Lumen Gentium*, n. 53.

¹³⁴ *Lumen Gentium*, n. 63.

¹³⁵ *Lumen Gentium*, n. 62.

¹³⁶ Cf. Audiência geral de 30 de julho de 1997, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 2 de agosto de 1997e, p. 8.

uma reflexão mais detalhada sobre o vínculo existente entre o Espírito Santo e a missão de Maria no mistério de Cristo e da Igreja, veremos:

- Como Jesus descreve a missão do Paráclito e,
- De que modo Maria torna a missão do Espírito mais visível na Igreja

a) A missão do Espírito Santo na Igreja, de acordo com as palavras de Jesus

Dentro da múltipla ação do Espírito Santo na Igreja, existem três características fundamentais que podemos detectar no Evangelho:

1) O Espírito Santo é o “Paráclito”, o Espírito de oração

- Como *Advogado*, Ele intercede por nós: “Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Paráclito, para que permaneça eternamente convosco” (*Jo* 14,16),
- como *Conselheiro*, Ele nos ensina a orar: “O Espírito vem em auxílio à nossa fraqueza; porque não sabemos o que devemos pedir, nem orar como convém, mas o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inefáveis” (*Rm* 8,26), e
- como *Autor da oração cristã*, Ele não apenas ora em nós, mas também impele-nos a orar: “E porque sois filhos, Deus enviou aos vossos corações o Espírito que clama: ‘*Abbá, Pai!*’” (*Gl* 4,6).

2) O Espírito Santo é o Espírito da Verdade, o “Revelador” de Cristo (cf. Jo 16,13)

- Como *Espírito “abnegado”*, a humildade divina em Pessoa, Ele “não falará por si mesmo, mas dirá o que ouvir” (cf. *Jo* 16,13); revela (glorifica) a Cristo porque receberá do que é d’Ele, e no-lo anunciará (cf. *Jo* 16,14);
- como *Espírito de profecia*, guia-nos a entender cada vez mais plenamente a mensagem de Cristo: “Quando vier o Paráclito, o *Espírito da Verdade*, ensinar-vos-á toda a verdade... e anunciar-vos-á as coisas que virão.” (*Jo* 16,13); e
- como *Espírito de testemunho*, ajuda-nos a dar testemunho da verdade pela consistência de nossa vida: “Quando vier o Paráclito, que vos enviarei da parte do Pai... Ele dará teste-

munho de mim; Também vós dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio” (Jo 15,26-27).

3) *Como Espírito de Amor, o Espírito Santo nos põe em comunhão com Cristo e com os outros*

- Como *Espírito consolador*, Ele permanecerá conosco e estará em nós (cf. Jo 14,17), sendo conforto ativo e presença “materna” de Deus em Pessoa;
- como *Fonte de amor vivificante*, comunica-nos o amor-caridade (*ágape*), o amor divino que nos une a Deus e uns aos outros: “O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5); e
- como *Espírito de comunhão*, nos faz compartilhar da comunhão do Pai e do Filho, “para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em Mim e eu em Ti, para que também eles estejam em Nós” (Jo 17,21) e “para que o amor [o Espírito de Amor] com que Me amaste, esteja neles e Eu mesmo esteja neles”. (Jo 17,26).

b) A “Missão do Espírito”¹³⁷ de Maria, em relação a Cristo e a Igreja

“Toda a obra de Cristo é... uma *missão conjunta* do Filho e do Espírito Santo”.¹³⁸ É sobretudo em Maria, que a própria missão do Espírito Santo se torna visível. O Catecismo da Igreja Católica descreve a missão do Espírito Santo em Maria e através de Maria, da seguinte forma: “O Espírito Santo *preparou* Maria com a sua graça”.¹³⁹ Sua *virgindade* imaculada que tornou-a capaz de acolher Cristo, o dom inexprimível do Pai, é obra do Espírito Santo. “Em Maria, o Espírito Santo *manifesta* o Filho do Pai, ... é aos pobres e às primícias das nações que Ela o dá a conhecer”.¹⁴⁰ Em Canã, assumindo seu papel como Esposa messiânica, Maria torna Jesus conhecido como o Esposo da Igreja. “Finalmente, por Maria o Espírito Santo começa a *pôr em Comunhão* com Cristo os ho-

¹³⁷ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 726.

¹³⁸ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 727.

¹³⁹ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 722.

¹⁴⁰ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 724.

mens, objeto do amor benevolente de Deus”.¹⁴¹ Este será o papel definitivo de Maria na Igreja - ser o instrumento do Espírito, da comunhão dos homens com Deus e uns com os outros. “Ao final desta missão do Espírito, Maria torna-se [portanto] a ‘Mulher’, a nova Eva, ‘mãe dos viventes’, *Mãe do ‘Cristo total’*.”¹⁴²

A missão de Cristo e do Espírito Santo, que teve o seu início histórico em Maria, realiza-se na Igreja - como vimos - a partir do Pentecostes. Portanto, o Espírito Santo continua na Igreja a mesma missão que ele tinha exercido em Maria e por Maria na obra de Cristo, estendendo-a agora ao “*Cristo total*”. Novamente, por *Maria-Igreja* o Espírito *prepara* os homens com a sua graça para capacitá-los a receberem a vida divina em plenitude. Por *Maria-Igreja* o Espírito *manifesta* Cristo aos homens, lembrando-lhes sua palavra e abrindo-lhes o espírito à compreensão. *Torna-lhes presente* o mistério de Cristo, para *colocá-los em comunhão* com Deus, a fim de torná-los “fecundos” (Jo 15,8.16).¹⁴³

Há, pois, um *elo vital e íntimo entre a ação do Espírito e o papel de Maria*. Aliás, aquilo que o Espírito Santo divinamente efetua na Igreja, Ele não realiza senão com a cooperação humana de Maria como *Virgem-Esposa-Mãe*. O Papa explica: “No mistério da Encarnação a sua cooperação com o Espírito tinha desempenhado um papel essencial, também no mistério do nascimento e da formação dos filhos de Deus o concurso materno de Maria acompanha a atividade do Espírito... Nesta missão materna, a humilde serva do Senhor não se põe em concorrência com o papel do Espírito Santo; ao contrário, Ela é chamada pelo mesmo Espírito a cooperar com Ele de modo materno”.¹⁴⁴ O Espírito Santo guia e sustenta Maria em seu papel de:

- Virgem, capacitando-a a receber o sublime dom de Deus para si e para a humanidade, por suas orações fervorosas;
- Esposa do Redentor, primeira discípula de Jesus, revelando Cristo aos homens;

¹⁴¹ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 725.

¹⁴² *Catecismo da Igreja Católica*, n. 726.

¹⁴³ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 737.

¹⁴⁴ Audiência geral de 9 de dezembro de 1998, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 12 de dezembro de 1998, p. 20.

- Mãe Espiritual, templo onde Ele reúne a humanidade com Deus e uns com os outros.

Do mesmo modo que Maria tornou visível o papel do Espírito na missão de Cristo, Ela também manifesta Sua presença invisível, porém ativa, na Igreja. João Paulo II observa que:

Cristo, como diz o Concílio Vaticano II, nasceu da Virgem Maria por obra do Espírito Santo, para poder continuamente, em certo sentido, nascer e crescer na Igreja sempre por obra do Espírito Santo. *Ambas, Maria e a Igreja, são templos vivos, santuários e instrumentos mediante os quais e nos quais se manifesta o Espírito Santo.*¹⁴⁵

Por esta razão, a missão específica de Maria, ou seja, o seu ministério de oração (*intercessão*), de testemunho (*revelar Cristo*) e de caridade (*levar à comunhão*) reflete a “atividade materna” que o Espírito Santo exerce na Igreja:¹⁴⁶

- Como Espírito de Oração, preparando-nos, abrindo nossos corações ao dom de Deus;
- Como Espírito de Verdade, revelando Cristo, educando-nos e nos transformando em testemunhas;
- Espírito de amor, habitando em nós, colocando-nos em comunhão com Cristo e entre nós.

3. A Vida Consagrada prolonga a missão materna de Maria na história

O Espírito Santo é a Alma da Igreja. É o autor das várias vocações eclesiais, dons e ministérios. Cada carisma e missão têm seu próprio papel específico na Igreja. Era tarefa de Maria tornar visível o papel do

¹⁴⁵ Angelus de 8 de janeiro de 1984, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 15 de janeiro de 1984, p. 1.

¹⁴⁶ A Igreja é chamada de “Mãe” não apenas devido à sua identificação com Maria, a mãe de Jesus, mas principalmente por causa da abundância de amor maternal que o Espírito Santo é em Deus, e que Ele derrama sobre Maria e através dela, sobre a Igreja. Ele fez de Maria uma Mãe tão perfeita para que por meio de sua maternidade ajudasse a Igreja a alcançar a plenitude da sua maternidade no Espírito e assim revelasse, de forma cada vez mais clara, a função maternal que ele, o próprio Espírito, exerce na Igreja e pela Igreja (cf., para explicação deste aspecto particular, H. M. MANTEAU-BONAMY OP, *Immaculate Conception and the Holy Spirit*, Libertyville IL - Franciscan Marytown Press, 1977, p. 95).

Espírito na obra da Redenção e revelar Sua missão na Igreja. Portanto, o Espírito Santo outorgou à Igreja um carisma específico, que manifesta, de modo muito concreto e visível, a “missão do Espírito” de Maria: o carisma da Vida Consagrada.

Por este motivo, o Concílio pode afirmar que na Igreja a vida consagrada se realiza em profunda sintonia com a Bem-aventurada Virgem Maria (cf. *Lumen Gentium*, 41), a qual é apresentada pelo magistério da Igreja como a “consagrada do modo mais perfeito” (cf. *Redemptionis donum*, 17).¹⁴⁷

Tendo analisado anteriormente as dimensões Petrina e Mariana da Igreja, nós vimos que a Vida Consagrada é a realização bem concreta da natureza Mariana da Igreja e, como tal, é a continuação e a realização da missão de Maria. De fato, a Vida Consagrada é, de forma particular, chamada a exercer dentro da Igreja o ministério Mariano de oração (vida contemplativa), de testemunho (conselhos evangélicos), e de caridade (vida em comunidade e obras de caridade).

Além disso, à semelhança de Maria que compartilha a missão régia, profética e sacerdotal de seu Filho como Virgem, Esposa, e Mãe, a Vida Consagrada participa desta tríplice missão, de modo virginal, sponsal, e maternal. Desta forma, completa a missão Petrina do ministério ordenado. De fato, a hierarquia enquanto representante de Jesus, e a vida consagrada, representando Maria, estão numa estreita relação, no sentido de estarem unidos em sua missão conjunta, que é reflexo e extensão da missão conjunta do Filho e do Espírito Santo.

O Santo Padre frisa que

no acontecimento da Encarnação se encontram indissolavelmente ligados Cristo e Maria Santíssima: Aquele que é o seu *Senhor* e a sua *Cabeça* e Aquela que, ao pronunciar o primeiro “*Fiat*” (faça-se) da Nova Aliança, prefigura a condição da mesma Igreja de *esposa* e de *mãe*.¹⁴⁸

Sendo a Igreja o prolongamento do mistério da Encarnação, Cristo e Maria se encontram indissolavelmente unidos na Igreja. Para expor esta idéia, o Santo Padre refere-se a Cristo como *Senhor e Cabeça* e a Maria, como *Esposa e Mãe*. Com efeito, ao senhorio de Cristo sobre a Igreja

¹⁴⁷ Audiência geral de 23 de novembro de 1994, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 19 de novembro de 1994, p. 24.

¹⁴⁸ *Redemptoris Mater*, n. 1; cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 973: “Ela é a Mãe onde Ele é o Salvador e Cabeça do Corpo Místico”.

(*Seu ofício profético e sacerdotal*) corresponde o *estado esponsal e virginal de Maria*; a Cristo, Cabeça da Igreja (*seu ofício régio*) corresponde a *missão maternal* de Maria. Em suma, Cristo *sacerdote-profeta-rei* está intimamente ligado a Maria *virgem-esposa-mãe*.

Isto se reflete na tríplice missão (*sacerdotal, profética, régia*) da Igreja: A vida divina confiada ao ministério ordenado, que continua a missão de Cristo, é comunicada de três formas diferentes, mas complementares. Existem, igualmente, três caminhos correspondentes de aceitação responsável desta vida através da Vida Consagrada, que continua a missão de Maria:

- A celebração dos *sacramentos* (*missão sacerdotal – múnus de santificar*) é complementada pela cooperação com a graça sacramental (*a vida divina*), através da *oração* (*o ministério de intercessão*).
- A proclamação da *palavra de Deus* (*missão profética - múnus de ensinar*) é apoiada pela vivência desta palavra revelando a Cristo através de uma vida evangélica (*o ministério de testemunhar - conselhos evangélicos*).
- O exercício do *poder sagrado* a serviço da comunhão eclesial (*missão régia - múnus de reger*) é apoiado pelo poder da comunhão amorosa e do serviço humilde (*o ministério da caridade*).

Desta forma, “*a Igreja manifesta plenamente a sua maternidade, quer mediante a comunicação da ação divina confiada a Pedro, quer através do acolhimento responsável do dom divino, típico de Maria*”.¹⁴⁹ O quadro na página seguinte ilustra o que foi dito.

Esta correspondência entre o ministério apostólico e o ministério “Mariano” foi mostrada claramente por Lucas quando descreve a primeira comunidade cristã reunida no cenáculo. Ele menciona a presença de Maria, a Mãe de Jesus, e algumas mulheres, destacando a importância da contribuição Mariana-Feminina à vida da Igreja, desde os primórdios. O Santo Padre chama a nossa atenção para o fato de que a presença de Maria e das outras mulheres ajuda a comunidade primitiva a perseverar em oração e concórdia:

¹⁴⁹ *Vita Consecrata*, n. 34.

A Igreja manifesta plenamente a sua maternidade espiritual	Quer mediante a comunicação da ação divina (hierarquia - Pedro)	Quer através do acolhimento responsável do dom divino (vida consagrada – Maria)
No seu múnus de <i>santificar</i>	Pela celebração dos Sacramentos (Sacerdote)	Pela oração (intercessão) e sacrifícios espirituais (Virgem)
No seu múnus de <i>ensinar</i>	Pela proclamação da Palavra (Profeta)	Pelo testemunho de uma vida evangélica (Esposa)
No seu múnus de <i>dirigir</i>	Pela solicitude pastoral (autoridade de Pai-Pastor, Cabeça)	Pelo amor misericordioso e humilde (autoridade de Mãe, Coração)

Estes traços exprimem perfeitamente dois aspectos fundamentais da contribuição específica das mulheres para a vida eclesial. Mais propensos à atividade externa, os homens têm necessidade da ajuda das mulheres para serem levados às relações pessoais e para progredirem rumo à união dos corações. “Bendita és tu entre as mulheres” (Lc 1,42); Maria exerce de modo eminente esta missão feminina. *Quem melhor que Maria favorece, em todos os crentes, a perseverança na oração? Quem promove melhor do que Ela, a concórdia e o amor?*

Reconhecendo a missão pastoral confiada por Jesus aos Onze, as mulheres do cenáculo com Maria no meio delas, unem-se à oração deles e testemunham ao mesmo tempo, a presença na Igreja de pessoas que, embora não tenham recebido essa missão, são igualmente membros, a pleno título, da comunidade reunida na fé em Cristo.¹⁵⁰

Portanto, a missão apostólica do ministério ordenado é principalmente - como já vimos - uma extensão da ação de Cristo (*actio Christi*), dos Seus sinais (*administração dos sacramentos*), da Sua pregação (*proclamação da palavra*), e da Sua chefia (*governo da comunidade*), sendo que a missão privilegiada da Vida Consagrada é tornar presente Sua forma de vida (*Christi vivendi forma*) e Seu Espírito, o Espírito de concórdia e amor. A missão “masculina” do ministério ordenado é sobre-

¹⁵⁰ Audiência Geral de 6 de setembro de 1995, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 9 de setembro de 1995, p. 12.

tudo direcionada ao exterior, à ação, ao passo que a missão “feminina” da vida consagrada é mais voltada ao interior, ao relacionamento com Deus e com os irmãos, na oração e pela caridade. As duas missões, a missão apostólica e a missão da vida consagrada, se necessitam e se apóiam, mutuamente. O Santo Padre confia, portanto, seu próprio ministério à oração das Religiosas enclausuradas:

Peço-vos que continueis a *sustentar o meu universal ministério petrino com a força da vossa oração incessante*. Sim, a oração na qual se revela um peculiar aspecto do *perfil mariano da Igreja*. Vós de fato sois na Igreja um particular “ícone” do mistério de Maria.¹⁵¹

IV. A presença de Maria na Vida da Igreja

Tendo analisado na primeira parte deste estudo (nn. 1-3) a relação existente entre a maternidade de Maria e da Igreja, que se reflete nas dimensões petrina e mariana da Igreja, mostraremos agora na segunda parte (nn. 4-5) como a missão de Maria encontra uma expressão privilegiada na vida consagrada que, por assim dizer, “interpreta” a sua presença e atividade materna na vida da Igreja. O Santo Padre lembra aos Religiosos: “Dado que *a Mãe de Deus*, em virtude da parte que tem no mistério de Cristo, *está também presente de contínuo na vida da Igreja*, a *vossa vocação e serviço* são como que um *reflexo dessa sua presença*.”¹⁵² Portanto, a nossa pesquisa não será tanto uma reflexão teológica sobre a natureza misteriosa da presença de Maria na Igreja,¹⁵³ mas irá evidenciar a estreita união que existe entre a missão de Maria e aquela da vida consagrada na Igreja. Veremos primeiro:

- As várias modalidades da presença de Maria e, em seguida,
- A sua presença na vida consagrada e por meio dela na vida da Igreja

¹⁵¹ Às Religiosas de Clausura em Assis, 10 de janeiro de 1993, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 17 de janeiro de 1993, p. 7.

¹⁵² *Carta a todas as Pessoas Consagradas*, I.

¹⁵³ Veja o excelente estudo sobre o tema da presença de Maria em Angelo PIZZARELLI, *La presencia de María en la vida de la Iglesia*, Madrid - Sociedad de Educacion Atenas, 1989, e de Fernando UMAÑA MONTROYA, *María, sacramento y presencia*, publicado pelo Foyer de Charite de Nuestra Señora del Paraíso, Cagua (Zipaquira), Colombia.

1. As várias modalidades da presença de Maria

Em sua Encíclica *Redemptoris Mater*, o Papa esclarece que a presença de Maria não se limitou aos eventos passados da história da salvação: “A Virgem Maria está constantemente *presente* nesta caminhada de fé do Povo de Deus em direção à luz”.¹⁵⁴ Toda a Encíclica é uma reflexão sobre “o significado que Maria tem no mistério de Cristo e sobre a *sua presença ativa e exemplar* na vida da Igreja”.¹⁵⁵ O mesmo se aplica à carta do Papa a todas as pessoas consagradas que, de certa forma, é uma extensão e a aplicação do tema sobre a presença de Maria na Igreja, para a Vida Consagrada. Realmente, em ambos os documentos o termo “presença” é usado frequentemente.¹⁵⁶

Na reflexão mariológica de João Paulo II, “a *presença* ativa e exemplar de Maria na vida da Igreja”¹⁵⁷ é uma das “categorias-chave” para explicar sua identidade e função na Igreja. Maria, que sempre esteve presente na vida de Cristo desde a sua concepção até a sua ascensão, continua a sua presença na vida diária da Igreja, desde o seu nascimento em Pentecostes até a sua consumação, na *parusia*. Sua presença maternal pode ser encontrada, por exemplo:

- *Nos lugares*: Nos santuários Marianos como locais de encontro com Deus através da experiência de Maria, que está maternalmente presente;
- *Nos tempos*: Na Liturgia onde Maria está presente, nas celebrações sacramentais e litúrgicas do mistério de Cristo, nas várias formas de piedade popular, particularmente nos mistérios do Rosário; e
- *Na história das almas*: No “interior” da pessoa que, aberta pela fé, pela esperança e pelo amor de Maria, torna-se mais aberta ao encontro de Deus.¹⁵⁸

¹⁵⁴ *Redemptoris Mater*, n. 35.

¹⁵⁵ *Redemptoris Mater*, n. 1.

¹⁵⁶ O termo “presença” aparece 22 vezes em *Redemptoris Mater* e 5 vezes na *Carta a todas as Pessoas Consagradas*.

¹⁵⁷ *Redemptoris Mater*, n. 1.

¹⁵⁸ “María esta presente a nosotros en el Misterio de la Gracia, colabora personal e activamente al desarrollo de la Gracia de Cristo en nosotros... Cuando por medio de la fe acogemos su presencia y nos abrimos a su influjo sobre nosotros, percibimos algo inefable:

Numa alocução feita durante a festa da visitação, o Santo Padre salienta a multiforme presença de Maria na vida da Igreja:

Há uma grande densidade e profundidade neste mistério que a Igreja vive hoje, o da Visitação: ...*Maria torna presente Deus*, que se fez Homem e Filho que dela nasceria... A Sua visitação está assim ligada a Maria. Através deste vínculo Deus quer dizer-nos algo. *Ele uniu a sua presença no mundo, a sua obra no mundo, o seu ser Emanuel - Deus conosco - a Ela como sua Mãe ...*

Penso nos diversos santuários marianos... Tudo isto reflete o mesmo mistério da sua Visitação, mistério muito fecundo. Sim, Ela passa através dos *tempos*, tem o seu mês privilegiado, precisamente o mês de Maio. Passa através dos *lugares*, mas passa sobretudo através dos *corações*: Visitação aos corações humanos.¹⁵⁹

Por estar presente no mistério de Cristo, Maria “*tornava presente aos homens o mesmo mistério de Cristo. E ainda continua a fazê-lo*”.¹⁶⁰ O Papa descreve a presença de Maria como exemplar, ativa e maternal:

- **Presença exemplar:** Maria conduz os discípulos ao mistério de Cristo sendo Ela mesma o exemplo, o modelo de uma perfeita seguidora de Cristo. É totalmente transparente a Cristo: “Fazei o que ele vos disser!” (*Jo 2,5*). Por esta razão, “a Igreja descobre-se em Maria e procura tornar-se semelhante a Ela: ‘À imitação da Mãe do seu Senhor e por virtude do Espírito Santo, conserva virginalmente íntegra a fé, sólida a esperança e sincera a caridade’ (*Lumen Gentium*, n. 64). Maria *está presente*, portanto, no mistério da Igreja como *modelo*”.¹⁶¹
- **Presença ativa:** Maria está ativamente presente no mistério de Cristo, pois engajou-se nele. Sua resposta ao anjo em Nazaré, sua ida apressada até Isabel, sua intervenção nas bodas de Caná

la presencia de Dios, de Cristo, se hace más espaciosa y densa en nuestro interior. La irradiación maternal de la presencia de María se convierte en nosotros en el ámbito propicio de la irradiación del Verbo de Dios, de la Palabra Encarnada en nuestro corazón, de la bendición del Padre, de la acción del Espíritu” (Mariano MARTÍNEZ, *Presencia y acción de María en nosotros*, em: *Vida Religiosa* 83, n. 14 (1997), p. 421).

¹⁵⁹ Alocução no dia 31 de maio de 1991 junto da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes nos Jardins do Vaticano, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 9 de junho de 1991, p. 12.

¹⁶⁰ *Redemptoris Mater* n. 19.

¹⁶¹ *Ibid.* n. 44.

e, finalmente, sua permanência aos pés da Cruz atestam a sua cooperação ativa com Cristo. “Maria não é só modelo e figura da Igreja; mas é muito mais do que isso. Com efeito, ‘*Ela coopera com amor de mãe para a regeneração e formação*’ dos filhos e filhas da mãe Igreja”.¹⁶²

- **Presença maternal:** Como uma mãe, a presença de Maria é pessoal e de relacionamento, baseando-se no dom amoroso de si mesma, primeiramente a seu Filho e, então, a todos os seus filhos, criando assim comunhão e um ambiente familiar. Certamente, no cenáculo foi esta “presença maternal” que criou unidade e harmonia entre os discípulos do Senhor.

2. A presença de Maria na missão Mariana da Vida Consagrada

Já vimos que há uma ligação estreita entre a missão de Maria e a missão da vida consagrada, sendo esta como que a extensão e a visualização dessa presença maternal de Maria na vida da Igreja.¹⁶³ Portanto, o Santo Padre recorda às pessoas consagradas: “*Compete-vos manifestar de uma maneira original e específica a presença da Virgem Maria na vida da Igreja e dos homens*”.¹⁶⁴ Por conseguinte, devemos perguntar: Como a vida consagrada pode manifestar, de uma maneira original e específica, a presença da Virgem Maria?

Para poder ser uma “presença maternal”, isto é, ser um reflexo dessa presença de Maria na vida da Igreja,¹⁶⁵ a vida consagrada deve estar consciente de que está chamada a assumir o próprio papel de Maria. Assim como a presença de Maria no mistério de Cristo teve o objetivo de tornar Cristo presente, a vida consagrada na Igreja tem o mesmo objetivo de tornar o amor de Cristo mais presente à humanidade. Guardando a devida proporção, podemos dizer que, na medida em que a vida consagrada está presente no mistério de Cristo, tornará presente aos homens

¹⁶² *Ibid.*

¹⁶³ A presença de Maria na vida da Igreja é uma realidade múltipla. Manifesta-se de várias formas. Uma delas é a sua presença através da vocação e missão marianas da vida consagrada. No entanto, devemos considerar que a presença de Maria está sempre vinculada ao mistério de Cristo do qual depende totalmente.

¹⁶⁴ JOÃO PAULO II, Discurso aos Istitutos da família Marista no dia 17 de setembro de 2001, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 22 de setembro de 2001, p. 3.

¹⁶⁵ Cf. *Carta a todas as Pessoas Consagradas*, IV.

este mesmo mistério. Em que consiste o mistério da presença maternal de Maria?

O Santo Padre observa que

esse coração virginal e ao mesmo tempo materno [de Maria], *sob a particular ação do Espírito Santo*, acompanha sempre a obra do seu Filho e palpita na direção de todos aqueles que Cristo abraçou e abraça continuamente com o seu inexaurível amor.¹⁶⁶

Portanto, este amor materno de Maria manifesta-se na vida da Igreja através da “*sua singular proximidade em relação ao homem e a todas as suas vicissitudes*. Nisto consiste o mistério da Mãe”.¹⁶⁷ A presença é o *proprium* do amor materno. A mãe está presente justamente porque ela é mãe.

Estar *presente* ... significa, em linguagem de comunicação, abrir a outro sua interioridade. Não se trata de presença física - pode-se estar ao lado e ausente ao outro - mas de abertura do coração para acolher e para dar-se, no amor e na confiança. Quando se está *presente* dá-se atenção ao outro como se ele fosse único; dá-se-lhe o direito ... de ocupar o espaço todo.¹⁶⁸

O Papa descreve a “*aproximação contínua e solícita*” de Maria nestes termos:

Ela conhece tudo o que acontece na nossa existência e sustenta-nos com amor materno nas provas da vida. Elevada à glória celeste, Maria dedica-se totalmente à obra de salvação para comunicar a cada vivente a felicidade que lhe foi concedida. É uma Rainha que dá tudo aquilo que possui, comunicando sobretudo a vida e o amor de Cristo.¹⁶⁹

Por estender a presença materna ativa de Maria na vida da Igreja, a vida consagrada tem a missão de fazer com que todos sintam que a Igreja é a Mãe que está “bem próxima do homem, de todos e de cada um dos homens, de que é a sua Igreja: Igreja do Povo de Deus”.¹⁷⁰ Referindo-se ao papel da vida consagrada na Igreja e no mundo, o Papa observa que

¹⁶⁶ *Redemptor Hominis*, n. 22.

¹⁶⁷ *Ibid.*

¹⁶⁸ Luís ROCHA E MELO SJ, *O Vento sopra onde quer. Notas de Espiritualidade*, Braga - Editorial A.O., p. 90.

¹⁶⁹ Audiência Geral de 23 de julho de 1997, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 26 de julho de 1997, p. 8.

¹⁷⁰ *Redemptor Hominis*, n. 22.

“a presença de Deus faz-se transparente quando o Religioso se torna sinal e portador do seu amor sobrenatural. *O ser ‘ministro’ da caridade divina constitui a fonte do serviço.*”¹⁷¹ Por isso, ele se dirige aos Religiosos nestas palavras:

É precisamente a *presença de Deus* na vida e nos problemas humanos, que vós proclamais com a vossa consagração religiosa e com a prática dos conselhos evangélicos. É da realidade do *amor de Deus no mundo* que vós dais testemunho, através das múltiplas formas do vosso amoroso serviço ao Povo de Deus.¹⁷²

Madre Teresa enfatiza que:

A nossa missão é, em primeiro lugar, *de presença*. Como Deus não nos amou de longe, nem poderia, somos *canais de Seu amor* encerrado na superioridade e na indiferença profissional. Estamos *a serviço entre o nosso povo e como um deles*, com humildade e respeito. Nós vamos visitar o nosso povo, não esperando que venham até nós, mas procurando ir até eles, “apressadamente”, como fez Nossa Senhora.¹⁷³

Como a vida consagrada pode cumprir sua missão de presença materna na Igreja e no mundo? Presença sempre ocorre no relacionamento.

Não obstante a onipresença amorosa e operante de Deus e a “abrangente maternidade” e santidade de Maria, para a presença real acontecer tanto a presença de Deus quanto a presença de Maria hão de ser acolhidas, reconhecidas e compartilhadas pessoalmente pelo fiel.¹⁷⁴

De fato, Deus só pode comunicar-se a si mesmo à criatura na medida em que esta se abre à Sua presença e, pelo livre dom de si mesma, estabelece uma profunda comunhão com Ele. O mesmo vale para a presença de Maria em nós.

Consequentemente - para a vida consagrada ser mediadora da presença materna de Maria - as pessoas consagradas têm que *desenvolver uma comunhão profunda com Maria*. Na medida em que se esforçam por

¹⁷¹ Congresso Internacional União Superiores Gerais em 26 de novembro de 1993, *Religious*, Vol. VIII, p. 118, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 5 de dezembro de 1993, p. 9.

¹⁷² Aos sacerdotes e religiosos em São Francisco E.U.A., em 17 de setembro de 1987, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 18 de outubro de 1987, p. 11.

¹⁷³ Madre Teresa de Calcutta, *Women Religious and Mission*, em: *Omnis terra*, n. 264, (1996), 33.

¹⁷⁴ Johann G. ROTEN SM, *Marian Devotion for the New Millennium*, em: *Marian Studies*, vol. 51 (2000), 66.

estarem abertos à presença de Maria como indivíduos e como comunidade, serão capazes de ser uma “presença Mariana” para os outros.

João Paulo II convida-os, pois, a estarem presentes “no seu [próprio] santuário ‘interior’, no qual Maria Santíssima lhe faz de guia no caminho da fé, da esperança e da união amorosa com Cristo”,¹⁷⁵ e a visitarem freqüentemente “lugares” da presença de Maria, aos quais anda ligada a sua espiritualidade e até mesmo a história da sua vida e missão na Igreja.¹⁷⁶

Procurai ser particularmente assíduos a estes “lugares”, estes “Santuários”.
Ide buscar aí novas forças e as vias para uma renovação autêntica da vossa vida consagrada, bem como linhas e métodos acertados de apostolado.
*Procurai neles a vossa identidade!*¹⁷⁷

V. A vida consagrada como extensão da presença e missão de Maria na história

Quando o Papa João Paulo II fala da presença de Maria no mistério de Cristo e da Igreja, não se refere a uma mera teoria, mas a uma presença dinâmica e ativa que se faz claramente visível na missão da Igreja e na história da salvação.¹⁷⁸ A vida consagrada é uma destas manifestações concretas da presença ativa de Maria.¹⁷⁹ De fato, o Senhor quis que as pessoas consagradas partilhassem da missão de Maria de forma particular. O Santo Padre aponta-lhes que:

¹⁷⁵ Carta a todas as Pessoas Consagradas, IV.

¹⁷⁶ *Ibid.*, V.

¹⁷⁷ *Ibid.*, V.

¹⁷⁸ Cf. Antoine NACHEF, *Mary's Pope*, Franklin (Wikosin) - Sheed & Ward, 2000, 4.

¹⁷⁹ Estaria muito além do objetivo deste estudo, seguir os rastros da presença e influência de Maria na história da vida consagrada, quer dizer, a sua presença nos vários Institutos religiosos e através deles na Igreja e no mundo. Além disso, existem vários excelentes estudos sobre este tema, particularmente numerosas monografias sobre a origem e a espiritualidade mariana de determinadas Ordens. As seguintes obras nos fornecem um esboço da história mariana da vida consagrada ou nos apresentam uma coletânea de vários colaboradores: Instituto Teológico de Vida Religiosa, *Maria en los Institutos Religiosos*, Madrid - Publicationes Claretinas, 1988; E. GAMBARI, *Ordini e Congregazioni religiose di nome e orientamento mariano*, em: *Enciclopedia mariana “Theotokos”*, publicado por R. Spiazzi, Milano - Massimo² 1958, 599-615; H. DU MANOIR, *Maria. Etudes sur la sainte Vierge*, Paris - Beauchesne, 1952-1971, vol. II e III.

- A *missão virginal* contemplativa de Maria (*liturgia*),
- sua *missão sponsal* de revelar Cristo, o Esposo, (*martíria*) e
- sua *missão materna* de reunir os discípulos, em comunhão (*diakonia*)

são precisamente as expressões de sua participação específica na missão sacerdotal, profética e régia da Igreja:

A missão sacerdotal de louvor e intercessão (*liturgia*)

A Igreja tem... uma vocação *sacerdotal* a que vós estais intimamente associadas. Seguindo São Bento ou São Bernardo, Santa Clara de Assis ou Santa Teresa de Ávila, as religiosas claustrais tomam a tempo pleno, em nome da Igreja, este serviço de *louvor divino e da intercessão*. Esta forma de vida é também um apostolado de grande valor eclesial e redentor... E como haveria eu de esquecer as *Irmãs doentes, fracas e idosas*? Todo o santo dia, e muitas vezes de noite quando dormem dificilmente, *elas apresentam ao Senhor a oblação silenciosa das suas orações quase ininterruptas dos seus sofrimentos físicos ou morais, do seu "Fiat" diante da vontade divina*. Também elas são o *povo sacerdotal* que Cristo adquiriu para si pelo sangue da Sua cruz. Com Ele, salvam elas o mundo...¹⁸⁰

A missão profética de testemunho (*martíria*)

A missão da Igreja é, antes de tudo, *profética*. Anuncia Cristo a todas as nações (cf. *Mt 28,19-20*) e transmite-lhes a Sua mensagem de salvação. Eis o que põe primeiro em atividade o vosso estilo de vida pessoal e comunitário (cf. *Evangelii Nuntiandi*, n. 14). É ele verdadeiramente luminoso (cf. *Mt 5,16*), profético? O mundo atual espera em toda a parte, *talvez de maneira confusa, vidas consagradas que proclamem, em atos mais que em palavras, Cristo e o Evangelho*.¹⁸¹

A missão régia de serviço caridoso (*diaconia*)

“Enfim, a missão da Igreja é régia...”¹⁸²

Caríssimas Religiosas: Também a vós quero exprimir estima, pelo dom que constituís para o povo ... que tanto precisa do *carinho da Mãe Igreja*,

¹⁸⁰ Encontro com as religiosas do Zaire, 3 de maio de 1980 em Quinxassa, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 11 de maio de 1980, p. 8.

¹⁸¹ *Ibid.*

¹⁸² *Ibid.*

*modelado pelo carinho maternal de Maria, a Mãe de Jesus... O testemunho do dom total das vossas pessoas a Deus, para O servir nos irmãos, vivido em castidade, pobreza e obediência, faz de vós expressão privilegiada da mesma Igreja...*¹⁸³

É, pois, na Vida Consagrada que encontramos a manifestação mais concreta da presença e da ação maternais de Maria na Igreja. De fato, a história da Vida Consagrada reflete a presença materna de Maria no mistério da Igreja, de forma singular. Fr. Alfredo Ma. Perez Oliver CMF, que prefaciou um estudo extensivo sobre a presença de Maria na história e na espiritualidade de aproximadamente vinte das mais significativas Ordens religiosas e Congregações, não hesita em fazer esta arrojada declaração:

Se alguém quiser entender o que é e o que significa o papel da Virgem Maria, a Mãe de Jesus, na história da salvação e santificação da humanidade, é necessário *contemplan Sua presença na vida e na missão dos Religiosos*.¹⁸⁴

Revivendo a vida de Maria, as comunidades religiosas tornam-se *si-nais e instrumentos da sua presença materna e ação invisível na Igreja*. Na medida em que as pessoas consagradas servem a Cristo em seus membros, do modo como Maria serviu à Pessoa e à obra de seu Filho, sua missão eclesial torna-se uma extensão concreta da “missão do Espírito” de Maria na história. Elas

são chamadas a reproduzir as virtudes de Maria e a continuarem, em certa medida, sua obra para nosso Senhor e para as almas... Ajudadas por Maria, elas podem aspirar a certa maternidade espiritual, que é uma imagem da própria maternidade de Maria em relação aos pobres, aflitos, pecadores etc. que necessitam de cuidado espiritual. Nosso Senhor aludiu àquela maternidade espiritual quando disse: “tive fome e Me destes de comer, ...” (*Mt 25,35-36*).¹⁸⁵

Na vida da Igreja, é sobretudo a “*vida mariforme*” das Religiosas, o serviço amoroso da mulher consagrada, que manifesta o amor materno

¹⁸³ Encontro com Sacerdotes, Religiosos, religiosas, seminaristas e leigos empenhados no apostolado, Moçambique, 18 de setembro de 1988, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 25 de setembro de 1988, p. 14.

¹⁸⁴ Instituto Teológico de Vida Religiosa, *Maria en los Institutos Religiosos*, Madrid - CPI, 1988, p. 7.

¹⁸⁵ GARRIGOU-LAGRANGE OP, *The Mother of the Savior and our interior Life*, St. Louis: Herder, 1954, 244-245.

de Maria e a sua solicitude para com as necessidades espirituais e materiais dos seus filhos. O Papa recorda às Religiosas o seu papel mariano, com estas palavras:

Vós, Religiosas, de modo particular, senti-vos desafiadas pelo exemplo de Maria. Ela é evidentemente modelo para todo o cristão; mas como não reconhecer na familiaridade consagrada, na virgem cristã, um *sinai muito particular da presença de Maria* no mundo? Vós, Religiosas, sois chamadas a *fazer sentir o amor materno de Maria* pela humanidade. Esta é a vossa função específica e insubstituível na Igreja. É aqui que dais o melhor de vós mesmas, cumprindo a vossa própria missão, como mulheres no plano da salvação.¹⁸⁶

Uma Carta capitular dos Servos de Maria legitimamente declara:

Graças àquela forma estável de vida, enraizada num carisma dado pelo Espírito e por viverem uma vida evangélica explicitamente inspirada em Maria, os Religiosos continuam e manifestam a “presença ativa” da Santíssima Virgem na Igreja. Eles próprios são *sinais de sua presença*.¹⁸⁷

Muitos Fundadores e Fundadoras de movimentos eclesiais e comunidades religiosas, não apenas perceberam a presença de Maria em suas vidas, mas também sentiram que eles mesmos foram chamados para tornar Maria presente na vida da Igreja e das pessoas, de um modo original e específico. A experiência de Chiara Lubich, fundadora da “Obra de Maria” (Focolare), representa muitas experiências semelhantes. Ela escreve: “Em nossos esforços para construir a Obra de Maria, quanto mais avançávamos, tanto mais tínhamos a impressão que construíamos Maria”.¹⁸⁸ Outra vez, ela o expressa desta forma: “Nós começávamos a entender que a Obra que estava nascendo viria a ser, nada mais do que uma presença mística de Maria na Igreja”.¹⁸⁹ Aludindo a uma declaração do Padre Alberione que dizia que a família Paulina foi trazida à vida por São Paulo, ela faz esta pergunta: “Não podemos afirmar que a Obra de Maria foi formada por Maria a fim de ser uma continuação de sua pre-

¹⁸⁶ Aos sacerdotes e religiosos em Verona, em 16 de abril de 1988, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 24 de abril de 1988, p. 3.

¹⁸⁷ *SERVI DI MARIA, Fate quello que vi dirà*, em: *Marianum* 45 (1983), 417.

¹⁸⁸ Citado em: Judith M. POVILUS, *United in His Name*, New York - New City Press, 2000, 125.

¹⁸⁹ *Ibid.*, 151, nota de rodapé n. 70.

¹⁹⁰ *Ibid.*, 125.

sença no mundo de hoje, e isso é... Maria viva, mas composta de muitos membros?”¹⁹⁰ Será que isto não se aplica, até certo ponto, a todas as comunidades religiosas? Não são todas elas chamadas a serem, de certa maneira, uma continuação da presença de Maria no mundo de hoje, isso é, Maria viva, mas composta de muitos membros? Não é isto justamente o seu papel original e específico, a saber, o de serem um “monumento vivo de amor mariano”¹⁹¹ na Igreja para que “resplandeça assim no mundo a *imago Ecclesiae caritatis* (a imagem da Igreja-Caridade)”¹⁹²

Conclusão

Foram duas as questões que procuramos aprofundar neste estudo: a primeira, a interação entre a obra de Maria e da Igreja, ambas Mães que nos geram para a vida da graça, e a segunda, como Maria se faz presente na vida da Igreja.

Vimos que antes de fazermos uma distinção entre as diferentes modalidades de ação da maternidade de Maria e da Igreja, devemos ver a sua profunda unidade e compenetração, sendo tanto a maternidade virginal de Maria quanto a da Igreja reflexo da paternidade de Deus Pai “da qual toda a paternidade no céu e na terra toma o seu nome” (*Ef* 3,15). Neste sentido a maternidade de Maria na ordem da graça está presente e atua tanto na dimensão sacramental como na dimensão pessoal da maternidade espiritual da Igreja.

No entanto, para melhor fundamentar o *proprium* da atuação da maternidade de Maria e da Igreja, consideramos que Deus Pai, querendo estender a Sua paternidade a toda a humanidade, enviou Seu Filho e o Espírito Santo à Igreja, na qual a missão conjunta do Filho e do Espírito Santo está permanentemente presente. É justamente por esta razão que a Igreja manifesta plenamente a sua maternidade de duas formas diferentes, embora complementares: ela é mãe, *quer mediante a comunicação da ação divina confiada a Pedro (a hierarquia), que faz visível a missão do Filho, quer através do acolhimento responsável do*

¹⁹¹ Às filhas de Maria Auxiliadora, em 12 de dezembro de 1987, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 10 de janeiro de 1982, p. 10.

¹⁹² Audiência geral de 15 de fevereiro de 1995, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 18 de fevereiro de 1995, p. 12.

*dom divino, típico de Maria (a vida consagrada), que faz visível a missão do Espírito Santo.*¹⁹³

Vimos que tanto a dimensão Petrina quanto a dimensão Mariana contribuem para o crescimento da Igreja em direção à plenitude do Cristo total. Com efeito, o tríplice ministério da hierarquia de santificar (*administração dos sacramentos*), ensinar (*proclamar a Palavra*), e governar (*exercício do poder sagrado de guiar a comunidade*) é complementado *pelo tríplice ministério Mariano de liturgia* (vida de oração e intercessão), *martíria* (testemunhar a Cristo através de uma vida evangélica) e *diakonia* (serviço caridoso).

Apesar de toda a Igreja ser Mariana, *a presença e ação maternais de Maria manifestam-se particularmente em sua dimensão carismático-profética*, da qual a vida consagrada é uma expressão privilegiada. Com efeito, *a vida consagrada prolonga e torna visível a presença e a ação materna de Maria na vida da Igreja*, exercendo o ministério que a Mãe de Jesus exerceu na primeira comunidade cristã. Por conseguinte, podemos dizer com todo o direito que a maternidade de Maria no Espírito, embora abranja todas as dimensões da Igreja, de forma particular está presente e opera na sua dimensão carismático-profética e que, por isso, a vida consagrada constitui uma das manifestações mais concretas da presença e atuação de Maria na Igreja.

Fidelis Stöckl ORC

¹⁹³ Cf. *Vita Consecrata*, n. 34.